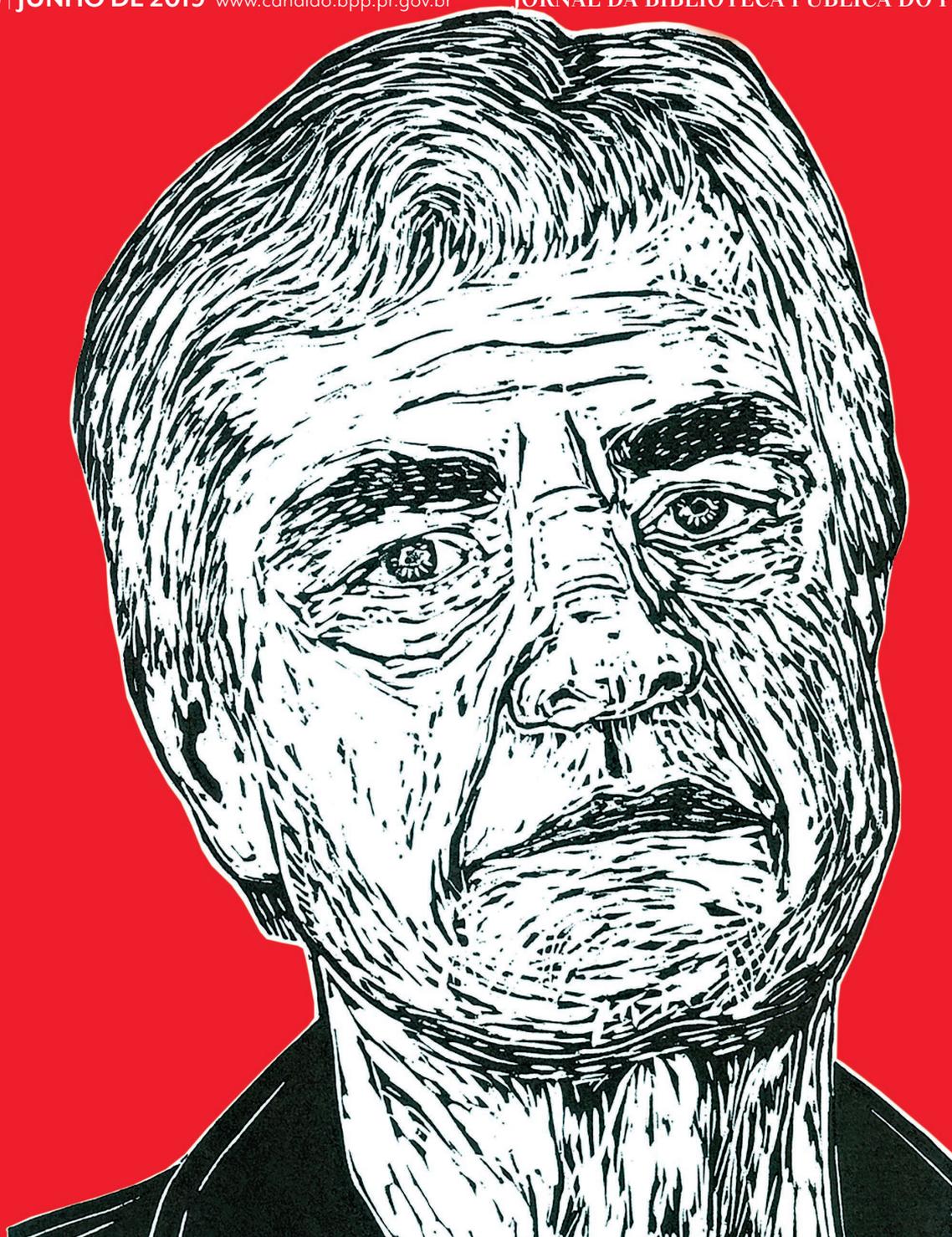


O ÚLTIMO BEAT



Após dez anos, Reinaldo Moraes volta ao romance com história que resgata clima e temas de *Pornopopéia*, seu livro mais célebre

ILUSTRAÇÃO: MÁRIO DE ALENCAR

EDI TORIAL

Reinaldo Moraes é hoje um dos maiores escritores vivos da língua portuguesa. Há exatos 10 anos ele lançava *Pornopopéia* (2009), marco da literatura brasileira contemporânea neste início de século XXI — pela ousadia linguística, originalidade narrativa e a divertida fusão entre a alta literatura e o *underground* paulistano. Depois de um hiato de uma década, ele volta ao romance com *Maior que o mundo*, narrativa que resgata o clima e a temática de *Pornopopéia*, agora com outros personagens em uma nova *trip*.

O jornalista Rodrigo Casarin conversou com sobre *Maior que o mundo* e as sequências do romance protagonizado pelo personagem, que deve protagonizar outros dois livros.

“Fiquei pensando: mais um livro sobre escritor ou sobre artista? Mas vou fazer o quê, ficar me policiando? O que estava saindo era isso. Quando estou escrevendo não tenho nenhum tipo de polícia: fa-

mília, filhos, amigos...” diz o autor, que conversou com Casarin em seu habitat natural: um boteco na Vila Madalena, em São Paulo, a cidade-personagem que aparece em diversas de suas histórias. As páginas do **Cândido** ainda trazem uma lista com comentários sobre os livros mais significativos de Moraes e um conto inédito do autor.

Outro destaque desta edição é o bate-papo com o carioca Rodrigo Lacerda (foto), que participou da edição de abril do projeto Um Escritor na Biblioteca. Entre outros assuntos, ele comentou seu interesse pela natureza, que passou a ser uma nova fronteira artística para seu processo de criação. “A natureza passou a ser um repertório infinito de assuntos para mim”, diz o autor que em 2018 lançou uma elogiada coletânea de contos chamada justamente *Reserva natural*.

Este ano o livro *Novelas nada exemplares* completa 60 anos. O escritor e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Luís Bueno revê a obra que colocou Dalton Trevisan entre os principais autores de sua época. “O que a crítica percebeu logo é que *Novelas nada exemplares* radicalizava de forma ainda não vista entre nós um procedimento de exploração de uma situação, de uma contradição, de uma ambiguidade, ou seja, de elementos que não se desenham bem pelo enredo do conto clássico do século XIX, que tinha em Maupassant (entre nós Machado) seu modelo”, escreve Bueno sobre a recepção da obra por parte da crítica.



KRAW PENAS

Na coluna Pensata, o jornalista e tradutor Christian Schwartz discute as relações entre fato e ficção em obras literárias — e de como a recepção por parte dos leitores ajuda a “qualificar” um livro. “Nas palavras de outro teórico, Gregory Currie, de *The nature of fiction [A natureza da ficção]*, o leitor precisa resolver se acredita (*believe*) no que lê, ou apenas faz de conta (*make believe*)

que acredita”, escreve Schwartz.

Entre os inéditos, a edição traz um conto de Rodrigo Lacerda, HQ de José Aguiar, poemas de María Auxiliadora Álvarez e Alfonsina Storni, na tradução de Mitsuo Florentino, e Sylvio Back e Carlos Moreira. A arte da capa é de Mário de Alencar.

Boa leitura.

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**
Secretário de Comunicação Social e Cultura: **Hudson José**
Superintendente de Cultura: **Luciana Casagrande Pereira**
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**
Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski**
Redação: **João Lucas Dusi e Omar Godoy**
Estagiário: **Bruno Orsatto Lanferdini**
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

Colaboradores desta edição:
Colaboradores desta edição: Carlos Moreira, Christian Schwartz, José Aguiar, Luís Bueno, Mário de Alencar, Mitsuo Florentino, Reinaldo Moraes, Rodrigo Lacerda, Rodrigo Casarin e Sylvio Back.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br

[/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação.

bpp.pr.gov.br
[bibliotecap](https://www.facebook.com/bibliotecap)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h.

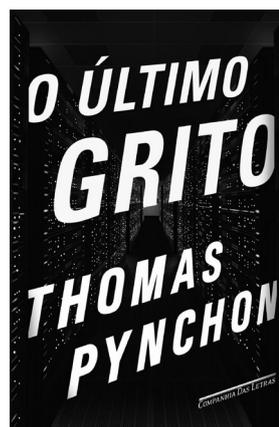
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

O ÚLTIMO GRITO

Thomas Pynchon, Companhia das Letras, 2017
(Trad.: Paulo Henriques Britto)

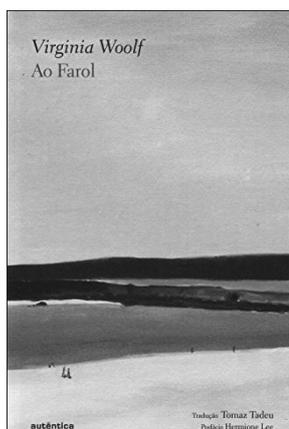
Maxine Tarnow é uma mãe divorciada que perdeu sua licença para trabalhar como investigadora de fraudes financeiras. Esse detalhe burocrático, porém, não a impede de seguir em frente. Quando Gabriel Ice entra em seu radar, Maxine tenta descobrir a relação do jovem bilionário com coisas estranhas que vêm acontecendo na Nova York de 2001 — o ataque terrorista às Torres Gêmeas, por exemplo, ou o interesse de Gabe em um simulador de realidade virtual que roda na *deep web*, o DeepArcher. Em seu oitavo romance, o escritor norte-americano Thomas Pynchon se vale de todos os elementos que o notabilizaram — a paranoia, o absurdismo, as coincidências, os vários personagens — para construir uma delicada crônica familiar e evidenciar a importância dos afetos reais na era do *boom* tecnológico.



RUMO AO FAROL

Virginia Woolf, Biblioteca Folha, 2003
(Trad.: Luiza Lobo)

Este romance (o favorito da própria autora, Virginia Woolf) é imprevisível e espantoso: nele as coisas demoram demais para acontecer e, ao mesmo tempo, acontecem num piscar de olhos. O livro, com uma linguagem introspectiva, descreve a vida da família Ramsay e seus amigos numa casa de praia na ilha de Skye, na Escócia, antes e depois da Primeira Guerra Mundial. Sob a promessa de um passeio ao farol, o tempo passa modificando impiedosamente a vida dos personagens, tudo conduzido pela escrita habilidosa e sutil da autora, que faz uso do fluxo de consciência — técnica que domina com perfeição. Apesar de melancólico, o romance é poético e filosófico e discute temas como casamento, família, arte, vida, morte e o terrível e inevitável passar do tempo.



A ARTE MUDA DA FUGA

Carlos Dala Stella, Editora Positivo, 2018

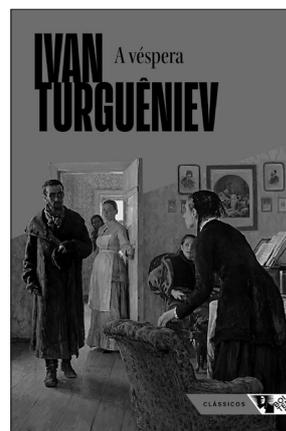
Para chegar a este recorte de 108 poemas do curitibano Carlos Dala Stella, a doutora em literatura Marta Morais da Costa vasculhou um conjunto de aproximadamente duas mil páginas de textos, desenhos, recortes e colagens feitas pelo autor de *O gato sem nome* (2007) e *O caçador de vaga-lumes* (1998). Apesar dos eventuais contratemplos na hora de fazer a seleção, Marta afirma que, aos poucos, descobriu pontos em comum, matizes de cores que se sobressaíam e possíveis agrupamentos. A amostra conta com o auxílio do próprio poeta, que privilegiou o material mais representativo de seus versos mais recentes.



A VÉSPERA

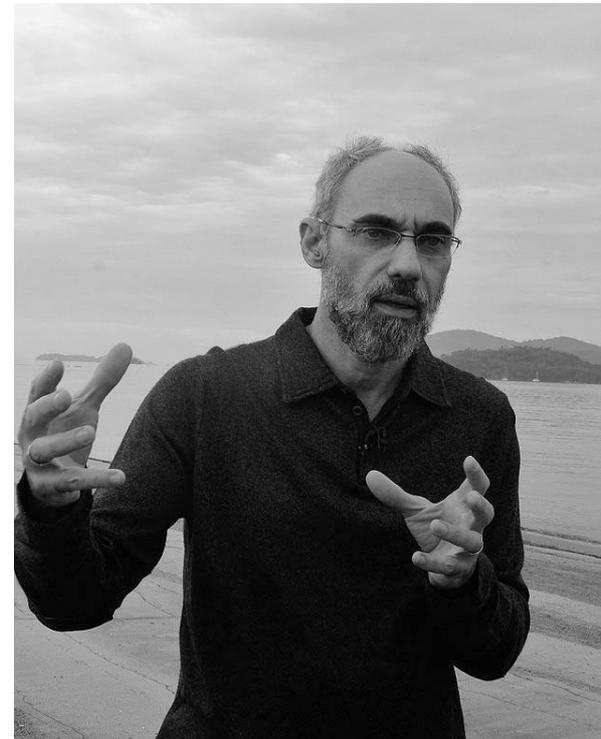
Ivan Turguêniev, Boitempo, 2019
(Trad.: Paula Vaz de Almeida e Ekaterina Vólkova Américo)

A história deste romance se desenvolve em Moscou e nos seus arredores às vésperas da Guerra da Crimeia (1853-1856), onde Elena, uma moça forte e independente demais para os padrões da época, tem seu coração disputado entre o escultor Chúbin, o intelectual Bersiéniev e o revolucionário búlgaro Insárov. Porém, ela é prometida em casamento pelo pai a Kurnatovski, funcionário público prático e utilitarista. Elena se apaixona por Insárov e juntos planejam fugir para a Bulgária, onde ele pretende lutar contra os turcos pela libertação do seu país. Turguêniev, autor do clássico *Pais e filhos*, conduz o romance equilibrando o cômico e o trágico sem economizar lirismo e momentos de reflexões.



curta da BPP

DIVULGAÇÃO



BATE-PAPO COM JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

O escritor João Anzanello Carrascoza será o convidado de junho do projeto Um Escritor na Biblioteca. O bate-papo acontece no dia 11, às 19h, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, com entrada gratuita. Nascido em 1962 em Cravinhos, interior de São Paulo, estreou na literatura em 1991 com o romance infantojuvenil *As flores do lado de baixo* e despertou o interesse da crítica com o seu primeiro livro de contos *Hotel Solidão*, que ganhou o Concurso Nacional de Contos do Paraná. Publicou também os livros de contos *O vaso azul* (1998), *Dois tardes* (2002), *Dias raros* (2004), *Espinhos e alfinetes* (2010) e os romances *Aos 7 e aos 40* (2013), *Caderno de um ausente* (2014) e *Trilogia do adeus* (2016). Alguns de seus textos já foram vertidos para o inglês, francês, italiano e sueco.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do Cândia. Nesta edição, Christian Schwartz propõe uma discussão sobre os diferentes “pactos” que autores de ficção e não ficção sugerem aos seus leitores quando realizam uma obra.

PACTO COM O LEITOR

CHRISTIAN SCHWARTZ

Debruçado sobre as relações entre fato e ficção, o teórico francês Philippe Lejeune cunhou, no já distante ano de 1975, a expressão “pacto autobiográfico”. Para chegar ao conceito, estabeleceu os parâmetros do que chamou “textos referenciais”, como matérias jornalísticas e artigos científicos, por exemplo: “[Eles] se propõem a fornecer informações a respeito de uma ‘realidade’ externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de verificação”, definiu.

Mas, quanto à autobiografia propriamente dita, tema de seu clássico *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, revisado e atualizado em anos recentes, Lejeune faz a ressalva: “Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança

com uma pessoa real, mas sim de ir além, para verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz”.

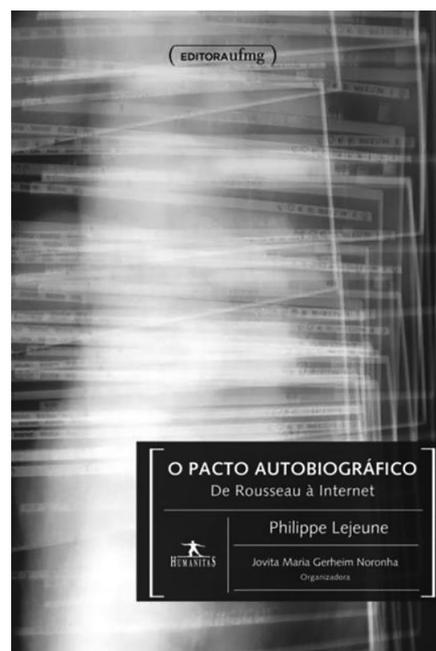
Em outras palavras, a autobiografia jogaria seu leitor naquela zona cinzenta onde — mesmo seguindo as pistas fora do texto: a embalagem, por assim dizer, rotula o conteúdo — ele tem uma decisão a tomar. Nas palavras de outro teórico, Gregory Currie, de *The nature of fiction* [A natureza da ficção], o leitor precisa resolver se acredita (*believe*) no que lê, ou apenas faz de conta (*make believe*) que acredita.

Deparei recentemente com essas reflexões ao ler as excelentes traduções por Irineo Baptista Netto de inéditos de um clássico do jornalismo literário, Joseph Mitchell, para as quais o tradutor escreveu um prefácio teórico como tese de doutorado



(“Como funciona um texto de não-ficção”, UFPR, 2019). O próprio Baptista Netto arrisca uma hipótese sobre o que muda, do ponto de vista de quem lê, quando se abre um livro de ficção ou não-ficção: “Se a ficção pede uma suspensão da descrença (voluntária ou involuntária), a não-ficção pede uma suspensão da desconfiança do autor [...]. Numa corrida pelo comprometimento do leitor, o escritor de não-ficção começa uns passos na frente do escritor de ficção”.

“O escritor [de não-ficção]”, insiste ainda o tradutor de Joseph Mitchell, “consegue passar para debaixo do tapete suas artimanhas literárias enquanto o leitor está de guarda baixa, preocupado com o teor dos fatos e não com o jogo proposto pelo texto. É o melhor de dois mundos: o escritor tem a autoridade dos fatos e a liberdade da ficção.”



O francês Philippe Lejeune, autor de *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*.

Pode-se argumentar que há algum exagero em dizer que, escrevendo sobre a própria vida, um autor tenha “a liberdade da ficção” — e vale notar que Baptista Netto fazia sua análise tendo em mente o trabalho de jornalistas que retratam as vidas de outras pessoas. Mas persiste o dilema apontado por Lejeune: embora o texto autobiográfico não possa evidentemente escapar a seu obrigatório teor referencial — muitas das informações que apresenta devem, por suposto, estar sujeitas a “uma prova de verificação” —, é fascinante pensar que um

relato desse tipo, limitado ademais a certo número de páginas, necessariamente incorrerá naquela “inverificável semelhança com uma pessoa real” da qual fala o teórico francês.

Tudo fica ainda mais interessante quando o autobiógrafo é jovem: quando a infância, a adolescência e os primeiros anos da vida adulta já rendem material suficiente para um precoce livro de memórias. Isso porque a proximidade no tempo pode tornar a verificação dos “fatos do autor” — e, conseqüentemente, seu desmascaramento — mais fácil. Surgem docu-

mentos e outros relatos; testemunhas oculares da mesma história, apenas de um ponto de vista um pouquinho diferente, estão ainda à solta por aí, vivas e falantes.

(Cabe o parêntese para lembrar que ficcionistas consagrados também se dedicaram a memórias de juventude, casos de Fernando Sabino, com *O menino no espelho*, e de Graciliano Ramos, com *Infância*. Mas seu status, como autores, de partida já era outro.)

Há situações-limites nas quais a pessoa por trás do relato autobiográfico ou memorialístico, para além da ideia pura e simples de verificação, se revela simplesmente um personagem inventado. Foi o que aconteceu com uma das primeiras grandes sensações editoriais deste milênio nos Estados Unidos, *Um milhão de pedacinhos*, memórias da dependência química de um tal James Frey — depois de recomendado por medalhões da literatura como Bret Easton Ellis e adotado por Oprah Winfrey em seu clube do livro televisivo, o autor acabou tendo de vir a público confessar que seu relato não passava de invenção.

Nesse grupo dos *best-sellers* do gênero, é possível perguntar até que ponto em *Livre*, de Cheryl Strayed, ou *Comer, rezar, amar*, de Elizabeth Gilbert, as mulheres viajantes que emergem dos relatos, cada uma a seu modo exploradoras de paisagens exóticas e dos mistérios da própria alma, não seriam versões embelezadas de mulheres comuns. E talvez o objetivo fosse esse mesmo.

No caso de Rachel Dolezal e seu *In full color* (escrito em colaboração com Storms Reback), porém, a tentativa é a de justificar precisa-

mente o quanto se pode inventar de si, não somente num texto autobiográfico, mas na própria vida. Dolezal é a jovem americana branca que cruzou a fronteira de raça adotando cultura e visual negros, e com isso alcançando certa proeminência na combativa comunidade afroamericana. De novo: quem é a “pessoal real” por trás do relato? Se Dolezal nasceu loira de olhos azuis, mas à base de penteados afro, bronzeamento e maquiagem viveu boa parte da vida como negra, ativista da causa, o retrato contido em suas memórias não será, necessariamente, o de uma personagem? (E não é isso que somos, todos nós, em alguma medida?)

Em solução provisória a esses dilemas, poderíamos passar a encarar todo e qualquer relato autobiográfico de juventude, em especial de autoria de memorialistas ainda jovens, como “autobiografias de formação” — algo próximo de um *Bildungsroman*, mas de “fatos”. Assumidamente memorialísticos, esses relatos assumirão caráter mais ou menos literário conforme o tipo de história que se tenha para contar — e, claro, segundo o próprio talento de quem escreve. Ou serão apenas *best-sellers* descartáveis. ■

CHRISTIAN SCHWARTZ nasceu em Curitiba, em junho de 1975, cidade em que vive atualmente. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris IV (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (UCE), em Birmingham, etapa de sua formação concluída na UFPR com um mestrado em Estudos Literários. Traduziu autores como Jonathan Coe, Nick Hornby, Hanif Kureishi, Graham Greene, Philip Roth, Jeffrey Eugenides e F. Scott Fitzgerald.

 **UM ESCRITOR na BIBLIOTECA**

RODRIGO LACERDA

O escritor Rodrigo Lacerda está fascinado pela natureza. Seu mais recente livro, o elogiado *Reserva natural* (2018), faz uma imersão no mundo selvagem, que para o autor é um espelho da sociedade humana. “A natureza passou a ser um repertório infinito de assuntos para mim, e acho que ela passou a ser uma nova fronteira artística”, diz o autor, que participou da segunda edição do projeto Um Escritor na Biblioteca em 2019.

DA REDAÇÃO



Além de falar sobre seus trabalhos mais recentes, Lacerda também fez uma breve retrospectiva de sua trajetória como leitor e autor, em um bate-papo mediado pelo jornalista e cronista Luís Henrique Pellanda.

Nascido no Rio de Janeiro (RJ), em 1969, o escritor teve seu primeiro contato com livros em casa. Seu pai, Sebastião Lacerda, foi editor da Nova Fronteira e montou uma grande biblioteca para a família.

Apesar do convívio com a literatura desde cedo, o autor de *Outra vida* (2009) diz que “ter uma família ligada ao mundo dos livros não significa necessariamente que você vai enveredar por esse caminho profissionalmente”. Esse contato precoce também fez com que ele criasse uma imagem distorcida dos escritores, “como se eles fossem pessoas superdotadas, inalcançáveis”.

A reviravolta veio aos 17 anos, quando conheceu a “cozinha editorial” da Nova Fronteira, onde o trabalho dos editores começava, descobrindo que havia margem para o “ser humano comum” melhorar o texto daqueles que lhe pareciam sobre-humanos. Um desses autores era João Ubaldo Ribeiro, um das influências decisivas de Lacerda, junto com o inglês William Shakespeare, o americano William Faulkner e português Eça de Queirós.

Já inserido no meio editorial, a estreia literária veio “meio por acaso”, com *O mistério do leão rampante* (1995), quando estava terminando a faculdade de História. “Eu não me sentia profissional, foi uma coisa acidental”, comenta.

Após a graduação e o pontapé inicial como escritor, Lacerda guinou definitivamente para o mundo das letras e seguiu produzindo com regularidade. Sobre o momento atual

do mercado editorial, sente que publicar hoje em dia “está muito mais fácil”, pois, apesar dos monopólios das grandes editoras, existem opções acessíveis de autopublicação e pequenas editoras que oferecem boas oportunidades.

O autor também falou sobre política e a conjuntura mundial. “Minha sensação é que o país retrocedeu. A humanidade caminha para o cataclisma.”

Após enveredar por temas ecológicos nos contos de *Reserva natural*, o escritor carioca segue nessa linha, trabalhando numa obra em que a natureza está em primeiro plano, e que possivelmente terá animais como protagonistas. “Já escrevi três começos para o livro e não gostei de nenhum deles”, diz.

UM POUCO DE TUDO

Meu contato inicial com os livros foi dentro de casa. Meu pai, Sebastião Lacerda, foi editor da Nova Fronteira e tinha uma boa biblioteca em casa. Quando publicavam Agatha Christie, no comecinho dos anos 1980, por exemplo, ele ia levando os livros e a gente ia lendo o que tinha vontade. Do lado da minha mãe, é uma família de educadores, também muito ligada ao mundo do livro e da literatura. Minha mãe tinha gostos mais sofisticados, gostava de “alta literatura”, e o meu pai sempre gostou de literatura mais popular, policial. Tinha um pouco dos dois mundos ali.

PRIMEIRA BIBLIOTECA

Meu primeiro contato, além daquele primeiro momento de leitura com histórias em quadrinhos, foi com uns 12 anos, quando realmente peguei o hábito de comprar livros. Ganhava minha mesada e eu e um amigo íamos para o centro da cidade, no Rio, percorrer os sebos e comprar os livros que compunham a literatura juvenil

da época, que era a mesma literatura juvenil que o meu pai tinha lido, talvez meus avós — *Os três mosqueteiros*, *O conde de Monte Cristo*, *O gavião do mar*, *Ilha do tesouro*, essas coisas. Eram livros baratos, em edições antigas, então cabiam no orçamento. E foi assim que comecei a montar minha primeira biblioteca.

PRÓS E CONTRAS

Ter uma família ligada ao mundo dos livros não significa necessariamente que você vai enveredar por esse caminho profissionalmente. Além de não garantir esse caminho aberto, muitas vezes pode até atrapalhar, porque eu tinha uma imagem equivocada dos escritores que meu pai conhecia ou que publicava na editora — entre eles, João Ubaldo Ribeiro, João Cabral de Melo Neto, Lygia Fagundes Telles, Josué Montello, Ivan Junqueira, José Lino Grünwald. Era de uma certa idolatria, assim, uma adoração, como se eles fossem pessoas superdotadas, inalcançáveis. Acho que num primeiro momento você projeta o mundo profissional dos seus pais como uma coisa muito distante e inalcançável, então acho que eu tinha essa visão distorcida das coisas.

COZINHA EDITORIAL

Fui trabalhar na editora aos 17 anos. Minha primeira tarefa foi ser revisor da 15ª prova, quando não tinha mais erro nenhum. Conheci a cozinha editorial e vi como é que os livros chegavam da mão desses grandes gênios, vi o trabalho dos editores em cima do texto original, e percebi que havia margem para o ser humano comum melhorar aquele negócio. Lembro de uma editora, chefe da área de produção, que sentava ao lado do João Cabral e falava: “João, olha aqui, nesse verso a métrica está errada”, aí contava as sílabas. Ele falava: “É mes-

mo! O que você acha que posso botar aqui?”. “Ah, sei lá, bota tal, tal.” “Ah! Boa, boa. Bota aí, bota aí!” Vendo isso, pensei: “Então é assim? Se é assim dá pra eu fazer também”.

SEM AFETAÇÃO

Houve uma época em que a casa do João Ubaldo estava em obras, então ele ia escrever na editora. Chegava de chinelo, sem camisa. O Ubaldo foi central para eu entrar em contato com esse lado humanizado da profissão. Ele era o intelectual que eu mais admirava, porque era extremamente culto, extremamente sofisticado, mas a obra dele não é nada cerebral. É culta, elaborada, mas não é fria, não é cerebral. E ele como pessoa era um homem absolutamente despojado de qualquer pose, de qualquer afetação. Esse primeiro contato direto com os escritores foi crucial, porque até então eu não sabia muito o que queria da vida. A princípio queria ser editor como o meu pai, mas não tinha ainda a pretensão de ser escritor. Achava algo realmente distante.

TUDO É

AUTOBIOGRÁFICO

Sempre ouço sobre meus livros, por mais ficcionais que sejam: “Nossa! Mas isso é autobiográfico?”. Posso descrever um alienígena assassino interplanetário do século XXIII e vão me perguntar: “Mas é autobiográfico?”. Até recentemente, quando lancei o *Reserva natural*, dei para minha filha ler e ela falou: “Gosto muito, mas é que acho que tudo é autobiográfico”. Ela fica incomodada de se ver tão próxima daquele narrador. Tento mostrar para ela uma coisa que acredito, assim, profundamente: tudo é autobiográfico. Uma tese sobre física quântica é autobiográfica. A gente, na faculdade de História, aprende que, até quando o autor daquele

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

documento histórico está mentindo, aquela mentira é eloquente de alguma verdade, ele está mentindo por algum motivo. Se você entender, a mentira vai ser reveladora de uma série de coisas também. Acredito que tudo é autobiográfico.

ESTREIA LITERÁRIA

Escrevi *O mistério do leão rampante* meio por acaso. Estava terminando a faculdade de História e consegui seduzir uma professora para ser minha orientadora no mestrado. Fui fazer um curso de mestrado com ela ainda como ouvinte, não tinha me formado na graduação propriamente, e o tema do curso era “As fronteiras entre Literatura e História”. Que ciência estranha é essa, a História, que o Brasil Colônia na visão de um historiador marxista é uma coisa, na visão de um historiador católico é outra, na visão de um historiador positivista é outra, de um historiador das mentalidades, do imaginário... Quer dizer, dependendo de quem faz a experiência, o resultado é diferente. Então o trabalho do final do curso foi pegar o tema da nossa tese e transformar num conto, já que essas fronteiras são tão fluídas. Eu ia escrever a tese fazendo um Fla-Flu entre Shakespeare e Camões, o teatro do Camões e o teatro do Shakespeare — o que era mais moderno, o que era mais medieval, digamos. Ao transformar o tema da tese imaginada num conto, saiu *O mistério do leão rampante*. O Camões ficou de fora. Acabei fazendo uma novela histórica cômica, em que o Shakespeare é personagem. No fundo, disse ali tudo que eu queria dizer sobre o Shakespeare. Abandonei esse mestrado em História. Só voltei a fazer pós-graduação de-

pois, já na área de Letras. Eu não me sentia profissional, foi uma coisa acidental. Acho que ninguém percebeu, esse primeiro livro e o segundo também eram muito embebidos da literatura dele, do João Ubaldo. São ubaldianos, digamos assim, é um tipo de português ligeiramente sofisticado do ponto de vista do vocabulário, do ponto de vista da estrutura sintática — frases longas, uma coisa meio abarrocada, assim, mas que ri dessa própria sofisticação. De um jeito ou de outro, através dessa pseudosofisticação, tira efeitos cômicos.

NÃO AO PEDANTISMO

O João Ubaldo percebeu em mim um escritor que não se levava a sério, e acho que foi isso que o encantou no meu livro de estreia. Ele tinha horror de falar de literatura, porque achava que tudo soava pedante, tudo isso soava intelectualoide, tudo distanciava mais o ouvinte da literatura do que aproximava. Então, quando ele viu um escritor jovem que não tentava se impor através de um intelectualismo um pouco forçado, que não tentava se impor através de uma falsa erudição — porque ninguém aos 24 anos pode ser tão erudito assim —, acho que foi isso que deu a liga a ponto de ele aceitar o convite para escrever o prefácio.

AMADURECIMENTO

Eu escolheria quatro escritores se tivesse que levá-los para uma ilha deserta, mas dois cumprem um pouco a mesma função. Em um primeiro momento, dos 13 aos 15 anos, em que você é um adolescente e se sente a única pessoa infeliz do mundo — é só você, tem uma nuvem em cima da sua cabeça —, o Eça [de Queirós]

e o João Ubaldo me ensinaram a rir dos problemas e dos males que eu via no mundo. É uma filosofia de vida que eles me passaram. Aí, quando estava chegando aos 15, 16, 17, 18 anos, foi o impacto do Shakespeare. Foi uma coisa construída, porque quando fiz 15 anos meu pai me deu uma obra completa do Shakespeare em inglês. É um presente que, ao mesmo tempo, é um estímulo e uma humilhação, né?! Porque eu não falava inglês nem do século XX, que dirá do século XVII. Ficava tentando ler com o dicionário do lado, mas era difícilíssimo. Até que finalmente aos 17, 18 anos deu um clique. Assisti a um DVD do *Rei Lear*, com Laurence Olivier, e deu clique total, inclusive de conseguir ler em inglês. E aí, o que acontecia naquele momento na minha vida? Por mais que rir dos próprios problemas seja uma sabedoria de vida, e é, aos 17, 18 anos a vida adulta está começando. É hora de arregaçar as mangas e pegar as rédeas da sua vida, não apenas rir dos problemas, mas tentar resolvê-los, pelo menos em parte. Acho que o Shakespeare entra porque os personagens dele são muito donos do próprio destino — bons ou maus, vilões ou mocinhos. Os personagens do Shakespeare estão partindo para um estilo de vida que eles controlam, decidem o que fazer do próprio destino — às vezes erram e pagam por isso, às vezes, mesmo sendo bonzinhos, erram exatamente por serem bonzinhos demais. O mundo do Shakespeare é muito complicado. Isso me deu muita coragem para começar a minha vida adulta. Não por acaso, dois anos depois eu estava morando em São Paulo. Tinha largado o trabalho na editora do meu pai, tinha ido morar longe da família. Estava começando uma vida completamente diferente. O Shakespeare tem uma parcela de culpa nisso. O quarto escritor que me ajudou num terceiro momento da minha vida, é o William Faulkner. Eu estava me separando do primeiro casamento quando traduzi *Palmeiras selvagens*, então era um momento bem confuso na minha vida. É assim: um me ensinou a rir dos problemas, o outro a tentar resolvê-los e o outro me ensinou que não há solução, mas que não sou o único infeliz. Todo mundo é igualmente miserável. O Faulkner fecha esse ciclo. Não sei se vai aparecer outro escritor capaz de acrescentar mais alguma etapa nessa trajetória.

HAMLET OU AMLETO?

Tenho quatro livros juvenis. O *Hamlet ou Amleto?* é um pouco isso, eu tentando aproximar o jovem do Shakespeare, para ele não sofrer tudo que sofri entre os 15 e os 18 anos tentando decifrar aquele livro em inglês. Pego a peça, traduzo e invento um diálogo de um diretor de teatro com o ator que vai interpretar o papel do Hamlet, então eles vão



percorrendo a peça cena por cena. Vou destrinchando a peça para o leitor de uma maneira que acho que ficou leve.

PARA JOVENS

Eu estava escrevendo um romance chamado *Outra vida* e não sabia como terminá-lo. Não sabia continuar, na verdade. Foi o livro que mais demorei para finalizar, sete anos ao todo. Parei mais ou menos em 2007 e falei: “Vou escrever alguma coisa leve, sem plano, despreziosa”. Resolvi fazer um livro juvenil. Minha filha tinha 12 anos na época. Escrevi *O fazedor de velhos* em dois meses, foi muito rápido. Para os meus padrões, rapidíssimo. E depois a editora me deu um chá de cadeira, demorou um ano e meio para publi-

car. Ainda fiquei mexendo, mas tinha começo, meio e fim no papel em dois meses, e isso é 90% do trabalho. Aí aconteceu um acidente milagroso, porque o livro fez um sucesso retumbante, ganhou muitos prêmios, até hoje vende e até hoje vou às escolas falar dele. Descobri que, realmente, tenho um prazer muito grande em escrever para jovem. O que eu sei do mundo da leitura infantil e juvenil é que o brasileiro até lê numa primeira infância, até tem contato com os livros. Mas quando chega aos 12, 13 anos parece que há um abismo, meio que todo mundo para de ler, e apenas uma parcela dos jovens voltam a ler por conta do vestibular, já no fim do Ensino Médio. Talvez tenha mudado um pouco hoje com o sucesso dos *bloggers* e *vloggers* e sei lá o quê, que acabam sempre fazendo livro, né? As pessoas falam que o mundo digital vai substituir o livro, mas o que você vê é que todo mundo que faz sucesso escrevendo coisas na internet, uma hora lança um livro. Essa discussão a gente não precisa nem mais ter, porque o livro está absolutamente preservado.

DESORGANIZAÇÃO TOTAL

Minha sensação é que o país retrocedeu. Tenho a sensação de que eu, quando estava chegando na vida adulta — no início dos anos 1990, final dos anos 1980 —, peguei um país com milhões de problemas, muito atrasado numa série de questões que avançava lentamente, a economia totalmente desorganizada, a inflação astronômica, mas a gente tinha a sensação de que o país estava indo para frente. Agora vejo a minha filha, que tem 23 anos, recebendo um país completamente sem rumo. Pesquisando para escrever *A república das abelhas*, vi que o Brasil avança apesar do seu processo histórico. É estranho isso, mas às vezes o processo histórico não aponta para um progresso. A coisa se desorganiza inteiramente, e aí passam-se os anos e você vê que no meio daquela bagunça aconteceram umas coisas que foram boas, que foram importantes, mas que na hora não dava para ver. Pode ser que a gente esteja vivendo um momento assim. Mas, olhando agora, o que vejo é a desorganização total. A gente regrediu na nossa atitude para com a política, e digo isso tanto da esquerda quanto da direita. A gente perdeu a capacidade de negociar, perdeu a capacidade de conviver com a diferença, perdeu a capacidade de ser democrata em alguma medida. É aquilo que o Fernando Gabeira tem falado bastante, quer dizer, a qualidade da nossa vida democrática caiu.

A REPÚBLICA DAS ABELHAS

Gostei de escrever o pedaço que eu não conhecia da minha história, que foi desse avô do meu avô que era um cara que nasceu no interior do estado do Rio, se formou em Direito em São Paulo, voltou para o estado do Rio e ajudou a fundar o partido

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

republicano na cidade. Era um abolicionista, republicano e depois foi ministro dos transportes do primeiro presidente civil, Prudente de Moraes. E era um cara totalmente neurótico, mas bem-intencionado, um neurótico bem-intencionado, e depois vieram os três filhos dele — dois comunistas que, em momentos diferentes, chegaram a ser secretários gerais do Partido Comunista no Brasil e um socialista utópico, que era o meu bisavô, Maurício, e que curiosamente tinha o apelido de “Bola de Demolição”. Quando chego no momento para falar do meu avô, o apelido “Metralhadora Giratória” tem um eco. Comecei a enxergar relações entre eles e essa coisa explosiva. Eles eram muito explosivos, todos eles, muito impacientes — impacientes com o processo histórico, impacientes com o tempo da democracia, e isso foi fatal na carreira de todos eles, menos na carreira desse avô do meu avô. Mas na carreira do meu bisavô, dos meus tios-bisavós comunistas, enfim, nada pode ser mais impaciente com o tempo da democracia do que o desejo da revolução. Isso é exatamente a vontade de acelerar o processo histórico ao máximo, o que é compreensível. Mas não é o tempo da democracia, e que acho que explica muito das atitudes do meu avô também. Ele fazia bons diagnósticos, mas não concordando tanto com os prognósticos e tratamentos. Foi difícil escrever, mas esse pedaço das duas gerações mais antigas foi mais interessante porque eu conhecia menos. Foi realmente incrível descobrir que esses tios-bisavós comunistas tinham sido tão importantes assim.

MEIO AMBIENTE

A humanidade caminha para o cataclisma. Acho que vai ter uma mortandade, não será a primeira — com a peste negra, na Idade Média, a gripe espanhola, no século XIX, três quintos da população mundial morreram. Caminhamos para uma coisa assim, porque não estamos conseguindo reverter o estrago que estamos fazendo no planeta. Isso para mim é um ponto pacífico. Inclusive estamos regredindo, né? Políticos como o Trump, como o próprio Bolsonaro... Mas, verdade seja dita, os nossos governos de esquerda também não foram bons na área do meio ambiente. Não por acaso, a Marina Silva, o Fernando Gabeira, pessoas que eram muito ligadas à questão do meio ambiente, abandonaram os governos do PT muito antes desses governos acabarem. Então, à esquerda e à direita, não vejo no mundo uma força política capaz de reverter o que está acontecendo. Os cataclismas já estão em curso — Portugal pega fogo todo ano, a Califórnia pega fogo todo ano, os países-ilha lá do Pacífico vão ser inundados, o Polo Norte está numa situação calamitosa, a quantidade de gelo que se perde por ano é gigantesca. A humanidade tinha dois bilhões de pessoas até 1950, em vinte mil anos de história, dois bilhões de pessoas, de 1950 pra cá nós somos sete bilhões. Nesse ritmo não vai ter solução.

ESPELHO DA SOCIEDADE

Além disso, a natureza começou a ser para mim um espelho da sociedade humana. Existe uma área da biologia que se chama sociobiologia. O grande papa desse assunto é Edward Wilson, um americano, começou es-

tudando formigas e aí criou conceitos de sociobiologia que hoje em dia são aplicados a várias espécies. Algumas tem sociedade mais desenvolvidas, outras menos, mas ele tem uma frase que adoro: “A humanidade é uma espécie disfuncional, porque ela tem emoções paleolíticas, instituições medievais e uma tecnologia futurista, e essa mistura é altamente explosiva”. A natureza passou a ser também uma fonte de metáforas para mim, porque o que a gente já sabe sobre a natureza é tão rico que é quase religioso, é quase transcendental. Tem uma frase no *Reserva natural*: “Não é nada sobrenatural que me faz acreditar, enfim, no extraordinário, é a realidade até aqui conhecida, porque ela em si já é sobrenatural, claro”. Então, você entende como é que os ecossistemas se organizam, como é que cada espécie desempenha um papel, como é a forma de cada espécie, como o corpo dela se desenvolveu e é adequado a determinadas funções. A natureza passou a ser um repertório infinito de assuntos para mim, e acho que ela passou a ser uma nova fronteira artística. A neurociência é uma nova fronteira de conhecimento humano.

LITERATURA SONORA

A literatura perdeu importância no mundo contemporâneo porque boa parte dela abriu mão, pelo menos na prosa ficcional, da sonoridade, da dimensão sonora que aquilo tem. Um escritor como Lobo Antunes, como o Saramago, como o João Ubaldo são exceções. Veja que é muito fácil você encontrar um herdeiro do Rubem Fonseca nos dias de hoje, mas não é muito fácil encontrar um herdeiro do João Ubaldo, do João Antônio, porque tem uma coisa melódica ali, um uso da língua para ser fruído para um outro sentido que não seja o visual. É aquela coisa máxima da literatura americana que muitos escritores brasileiros absorveram — *show, don't tell* [mostre, não conte] — e essa ênfase no visual. Acho que para a literatura é empobrecedor, porque se é para ser só o visual você está abrindo mão de uma dimensão da literatura. E gosto de literatura sonora. O Eça é um cara extremamente sonoro e acho que sou um pouco assim. Talvez isso não seja, hoje em dia, tão valorizado quanto deveria. Gosto de uma literatura sonora. N’O *fazedor de velhos*, por exemplo, tem uma discussão do menino com a garota que ele quer namorar, e ele recita trechos d’O *guarani*, do José de Alencar. Ela ri e fala: “Nossa! Ninguém mais se apaixona assim, isso daí é totalmente ridículo”. Ele insiste e recita mais um trecho, aí ela responde com um poema contemporâneo, que já é outra discussão. A língua portuguesa é muito plástica, muito rica e explorá-la ao máximo é uma curtição que tenho. Não abro mão de às vezes escrever palavras que não são coloquiais. Esse

tipo de recurso pode parecer um pouco empolado, digamos assim, mas não é a minha intenção. Minha intenção é explorar a língua ao máximo.

MONOPÓLIOS LITERÁRIOS

As editoras, em alguma medida, podem ditar — a gente viu nos últimos anos no Brasil — uma grande concentração empresarial no mercado editorial. Grandes grupos se formaram. Você tem o grupo Ediouro, que tem a Nova Fronteira, a Relume-Dumará, a Agir, a própria Ediouro; você tem o grupo Record, que tem a Record, a Civilização Brasileira, a José Olympio; em São Paulo você tem o grupo Companhia das Letras, que tem a Alfabeta, Companhia das Letras, Seguinte, Paralela, etc. Essa concentração pode distorcer um pouco sim o mercado, porque o editor, se lançar 30 livros por mês, tem que eleger três, quatro, cinco livros para divulgar na imprensa. São os livros que ele quer bombar, que precisa que venda, ou porque ele pagou um adiantamento muito caro, ou porque é uma aposta editorial dele, enfim. Na medida em que controla cinco, seis editoras, ele tem um poder de dirigir a imprensa muito maior do que se fosse uma editora só. Ele coloca em segundo plano o catálogo de cinco editoras e preza autores que quer enfatizar. Isso é o que acontece hoje em dia, nesses grandes grupos. É uma pena. Acho isso ruim porque tem muito livro bom que por um motivo ou por outro não agradou instância decisória do grupo editorial — ou o autor não é midiático, ou algum problema qualquer desse tipo, que não tem nada a ver com a qualidade da obra — e o livro não consegue sequer competir em igualdade de condição na disputa da atenção dos jornalistas, de gente especializada na área, dos cadernos literários. Essa concentração tem um efeito muito ruim.



LITERATURA ACESSÍVEL

Já vi muita gente defender essa tese de que a literatura brasileira ou era excelente, nível João Cabral, Drummond, ou era muito ruim, mas que faltava ao Brasil uma literatura média — de boa qualidade, mas, enfim, que tivesse uma circulação popular. A princípio, concordo com isso. A literatura no Brasil, talvez hoje nem tanto, mas durante muito tempo da minha carreira ainda tinha uma coisa de se levar muito a sério, de querer revolucionar a estética universal. Eu tendo a achar que quem se propõe a fazer isso é que nem ficar olhando a torradeira, sabe?, A torrada nunca fica pronta. Quem se propõe a fazer isso deliberadamente, a chance de quebrar a cara é gigantesca. Porque ou é uma linguagem nova, revolucionária, estética, mas espontânea, natural, que brota da pessoa, ou então fica uma imitação artificial, pedante, pretenciosa. Nesse sentido, acho que quanto mais melhor, porque a literatura deixa de ser essa torre de marfim feita para pessoas extremamente cultas, letradas e sofisticadas. Isso cria um ambiente um pouco claustrofóbico e chato. Pedante. Quanto mais variedade, melhor. Como já falei, sou a favor de ler todo tipo de coisa, todo tipo de assunto, todo tipo de linguagem, desde a coisa mais vulgar à coisa mais sofisticada, então nesse sentido acho que a quantidade contribui para a qualidade, porque a qualidade para mim está associada à variedade, às múltiplas formas de usar a língua e de usar a literatura.

EM ANDAMENTO

Ainda estou trabalhando no *Reserva natural*, digamos assim. Hoje em dia vejo o quanto a natureza está presente na minha obra desde *A dinâmica das larvas*. Esse tema reaparece no *Tripé*, que tem um conto que fala de ratos. Percebo o quanto a natureza está espalhada em toda a minha obra. *A república das abelhas* tem uma cena em que conto como as abelhas votam ao decidir para onde levar a nova colmeia. No *Reserva natural*, a natureza ganha o primeiro plano finalmente, e o livro que estou trabalhando agora é levando isso ainda um passo à frente. Em alguns momentos desse livro, os personagens serão animais. Os animais não serão apenas metáforas dos sentimentos humanos. Não sei se vou dar nome aos personagens, porque a ideia de dar nome para o animal me parece que infantiliza um pouco o recurso de transformar o animal no personagem. Estou me debatendo com esses dilemas, porque já escrevi três começos para o livro e não gostei de nenhum deles. ■

CONTO | RODRIGO LACERDA

O FIM DOS SOLDADOS PERDIDOS

Se é que é possível, num momento de dor, pensar com calma, aproveito o espaço do jornal **Cândido** para comentar o maior terremoto musical dos últimos tempos: a banda *Soldados Perdidos* — catalisadora de toda uma nova geração de inconformistas — não existe mais.

Os boatos correram por semanas, mantendo o universo *underground* e a imprensa especializada em suspense, até que finalmente, no dia 25 de maio, um *post* assinado pelos quatro integrantes apareceu no site oficial, confirmando a má notícia.

O texto na internet é vago quanto aos motivos. Mencionar “questões pessoais e a nova conjun-

tura do país” não basta, não aplaca a necessidade do público de conhecer as razões para uma decisão tão radical. A banda, que chegou a ter dois discos lançados no mercado norte-americano (com o nome *Lost Soldiers*) e turnês europeias lotadas, deixa órfãos centenas de milhares de fãs no Brasil e no exterior. Ora, a história do rock já ensinou: para se viver essa espécie de orfandade é preciso compreendê-la, do quadro geral aos mínimos detalhes. Lennon & McCartney, não por acaso, passaram décadas se explicando...

Mas nenhuma coletiva de imprensa foi marcada, e até que um dos “soldados” quebre o silêncio, infe-

lizmente, o mistério vai permanecer. A explicação que circulou por aí, não comprovada, aponta desacordos políticos como a causa da dissolução. Eles teriam se agravado no primeiro semestre deste ano, até o ponto de ruptura. Segundo essa hipótese, alguns integrantes — não se sabe ao certo quais, ou quantos — teriam defendido a mudança do nome da banda, tendo em vista o resultado da eleição para presidente e a inevitável associação com o desempenho do novo governo. Queriam preservar sua imagem. Não houve acordo, supostamente, porque outra parte do grupo achou importante manter a crítica, ainda que involuntária, e resistiu à ideia. O impasse



Davi, vocalista e poeta do rock.

Querosene, baterista e coração de mãe.



teria descambado para uma briga generalizada, pois mesmo aqueles favoráveis à troca não concordaram em qual deveria ser o novo nome.

Essa versão dos fatos, no entanto, parece imediatista demais. Analisando os rumos musicais tomados por cada um, é fácil ver que, ao longo do tempo, surgiram diferenças consideráveis em seus respectivos universos criativos. Pode-se dizer que quatro vertentes do rock, todas fundamentais mas contraditórias, vinham minando o antigo companheirismo.

Davi, o líder, vocalista, compositor e letrista dos maiores sucessos — entre eles a feroz “Chuva ácida” e a balada de protesto “O capitalismo não quis, meu amor” —, vem desenvolvendo projetos solo, com letras mais elaboradas e sonoridade folk. Afiliou-se à tradição roqueiro-menestrel, mergulhou na poesia modernista e se distanciou do repertório original do grupo. Seu estilo, mistura de Tom Waits, ou Leonard Cohen, com Bob Dylan, está pedindo passagem.

Já Ritchie, o guitarrista e o mais velho, carrega a tocha da tradição hippie. No último álbum da banda, *Herodes tinha razão*, suas composições lisérgicas e progressivas, recheadas de solos intermináveis, destoam do andamento geral, mais “pegado”. Graças à sua filosofia paz e amor, contudo, pode-se afirmar com alguma certeza que não foi Ritchie quem botou pilha para a ruptura.

Toni, o baixista, consagrou-se como o elemento pop/new wave. Quando uma faixa dos *Soldados Perdidos* leva você para a pista de dança, pode ter certeza que o compositor foi ele. Além do balanço, o senso de humor em suas letras revela um talento iconoclasta e muito inteligente. Daí ser conhecido como “o nosso David Byrne”. Tudo é simples em suas criações, menos o resultado.

E o insubstituível baterista Afonso, ou Querosene, que combina a estamina de um Keith Moon com a precisão do Charlie Watts? Famoso pelo parentesco distante com Tim Maia e Ed Motta, Querosene era considerado por muitos o “cimento” da banda. Como se todas as diferentes musicalidades reverenciassem as raízes negras do rock, encontrando nele denominadores comuns. Suas recentes incursões pelo funk e hi-



Ritchie, 47 anos,
solos de oito minutos.



Toni, “o David
Byrne brasileiro”.

ILUSTRAÇÕES: RODRIGO LACERDA

p-hop podem ter comprometido de vez o equilíbrio do grupo.

As divergências artísticas antecedem as outras, e são mais profundas, porém a boataria das redes sociais não quer saber de profundidade. Aproveitando o diz-que-diz-que, espíritos divisionistas apimentaram a hipótese política para o término do grupo. Espalharam, com estardalhaço, que Davi votou no Bolsonaro nas últimas eleições, e pior, que, desde então, leu a obra completa do Olavo de Carvalho! A maledicência apócrifa veio ilustrada com a imagem do guitarrista, em um show, usando uma camiseta estampada com o Pixuleco, o boneco do Lula presidiário. Mas deve ser montagem, tem toda a cara de *fake news*.

Só nos resta aguardar. Mais cedo ou mais tarde, as nuvens que cercam o fim da banda irão embora. Qualquer que tenha sido o motivo, os *Soldados Perdidos* vão fazer muita falta ao poder de resiliência dos brasileiros. E, no plano pessoal, é sempre triste quando artistas que a gente admira deixam de ser amigos. ■

RODRIGO LACERDA nasceu em 1969, no Rio de Janeiro (RJ), e vive em São Paulo (SP). É autor de *O mistério do leão rampante* (novela, 1995, prêmio Jabuti e prêmio Certas Palavras de Melhor Romance), *A dinâmica das larvas* (novela, 1996), *Vista do Rio* (romance, 2004), *O fazedor de velhos* (romance juvenil, 2008, prêmio de Melhor Livro Juvenil da Biblioteca Nacional, prêmio Jabuti, prêmio da FNLJ), *Outra vida* (Melhor Romance no prêmio Academia Brasileira de Letras). Em 2018 lançou o livro de contos *Reserva natural*.

ARTIGO | LUÍS BUENO

UM LIVRO QUE AINDA PERGUNTA

A estreia oficial de Dalton Trevisan na literatura completa 60 anos em 2019. O escritor Luís Bueno comenta os contos de *Novelas nada exemplares*, livro que colocou o *Vampiro de Curitiba* entre os maiores autores de sua época

Os leitores dos grandes jornais do Rio de Janeiro já conheciam Dalton Trevisan em 1959. Em julho de 1955, a coluna “Escritores e livros” do *Correio da Manhã* já havia anunciado para aquele mesmo ano a publicação de *Novelas nada exemplares*. Em abril do ano seguinte, a própria editora José Olympio fazia sair no *Diário de Notícias* um grande anúncio do que lançaria em 1956 e, ao lado de vários títulos, como *Grande sertão: veredas*, por exemplo, mais uma vez lá estava o livro de Dalton Trevisan.

Mas anúncios e notinhas chamam a atenção apenas de uns poucos detalhistas. O que de fato fez o nome do autor circular foi a publicação contínua de seus contos naquele que era um dos principais suplementos literários do período, o “Letras e Artes”, do mesmo *Diário de Notícias*. Num período de pouco mais de dois anos, seriam 16 os contos a sair ali, 11 dos quais comporiam aquela esperada “estreia”, a ponto de um crítico, Hildon Rocha, ao resenhar o livro, afirmar que alguns dos melhores contos que ele lera no jornal não estavam no volume.

A palavra “estreia” vai entre aspas porque, numa carreira literária cheia de peculiaridades como é a de Dalton Trevisan, cabe muito bem o livro de estreia ser pelo menos o terceiro que ele lançava — contando somente os



livros e ignorando várias plaquetes. Os dois anteriores, *Sonata ao luar* (1945) e *Sete anos de pastor* (1948), jamais seriam republicados, permanecendo no número das obras de juventude devidamente renegadas pelo autor.

MOMENTO DO CONTO

O momento era propício ao conto. Se nos anos 1930 o romance dominou o interesse tanto dos autores quanto do público, a ponto de serem raros os prosadores brasileiros do período a se dedicarem ao conto,

a partir da década seguinte o gênero foi se incorporando e ganhando um desenho moderno no Brasil. É verdade que Marques Rebelo, considerado o grande contista moderno da década de 1930, havia trocado o conto pelo romance desde 1942, quando publicara o volume *Stela me abriu a porta*. Mais significativo do que essa defecção, no entanto, foi o surgimento de vários contistas de peso, como Lygia Fagundes Telles, com quatro coletâneas publicadas entre 1938 e 1958, Guimarães Rosa, com *Sagarana*, de 1945, Aníbal Machado, com *Vila feliz*, de 1946, Otto Lara Resende, com seu *Boca do inferno*, de 1957, e Clarice Lispector, cujo *Laços de família* sairia apenas em 1960, mas já vinha, como Dalton Trevisan, publicando contos na imprensa antes disso.

Também ganhavam espaço no mercado brasileiro as antologias de contos. Uma editora mais ou menos efêmera, *Leitura*, ainda em 1944 lançou dois alentados volumes, um dedicado aos russos (editado por Rubem Braga, Aníbal Machado e Graciliano Ramos) e outro aos ingleses (editado por Rubem Braga e Vinícius de Moraes). Na segunda metade dos anos 1950, foi a vez de a *Civilização Brasileira* lançar, a cargo de Paulo Rónai, uma antologia de contos hún-

garos, primeiro passo talvez para os vários volumes de *Mar de histórias*, que o crítico organizaria em seguida com Aurélio Buarque de Holanda. Em 1957 faria história a antologia *Contos e novelas*, organizada por Graciliano Ramos, em três volumes que traziam autores de todas as regiões do Brasil. No ano anterior ao lançamento de *Novelas nada exemplares*, e atestando o grau de reconhecimento que Dalton Trevisan já tinha, a editora Cultrix de São Paulo publicou *Maravilhas do conto moderno brasileiro*, que tinha entre seus editores o poeta José Paulo Paes e trazia um conto do autor de *O vampiro de Curitiba*.

IMPACTO

O contexto favorável explica por que *Novelas nada exemplares* ganhou rápida visibilidade, é claro, mas não o impacto que o livro causou na crítica. E a crítica conhecia Dalton Trevisan desde muitos anos antes dos leitores de jornal por seu papel de editor de *Joaquim*, a lendária revista que foi capaz de atingir leitores e atrair colaboradores de todo o país a partir de Curitiba. Temístocles Linhares, crítico paranaense àquela altura já bem conhecido nacionalmente, que também participara da empreitada da *Joaquim*, temeu que esse impacto

O escritor curitibano Dalton Trevisan no traço do artista Orlandeli.

ORLANDELI



ARTIGO | LUÍS BUENO

fosse negativo e tratou de se adiantar. Publicou em setembro de 1958, cinco meses portanto antes do lançamento de *Novelas nada exemplares*, um artigo em que antecipava uma reação moralista ao livro, prevendo que “os farejadores de escândalos não se farão de rogados assim e serão os primeiros, disso eu tenho quase a certeza, a tachar muitos de seus episódios e cenas de escatológicos, de indecentes”.

Embora a preocupação não fosse injustificada, e esse tipo de leitura até hoje se faça, o que mais impactou a crítica foi a exploração que o contista fazia de enredos banais, incompletos ou entrecortados ou, como definiu de maneira curiosa o mesmo Hildon Rocha já mencionado, sua dedicação a “contos sem história” que era potencializada exatamente “por seu talento de contador de histórias”. E explica: “O sr. Dalton Trevisan, sem contar propriamente um caso, [...] consegue realizar em cada conto sem história uma história”.

O que a crítica percebeu logo é que *Novelas nada exemplares* radicalizava de forma ainda não vista entre nós um procedimento de exploração de uma situação, de uma contradição, de uma ambiguidade, ou seja, de elementos que não se desenham bem pelo enredo do conto clássico do século XIX, que tinha em Maupassant (entre nós Machado) seu modelo.

UM PARÊNTESE PRESENTE

Vamos fazer um parêntese aqui para dizer que o leitor de hoje encontra-se em posição privilegiada para ver na prática a construção dessa concepção de conto. Essa terceira-obra-de-estrela é também o documento de um autor em formação, resultado de um processo. Há três contos no livro

A revista *Maravilhas do conto moderno*, editada pelo poeta José Paulo Paes, que trazia uma história de Dalton Trevisan.



que haviam sido publicados pelo menos uma década antes na revista *Joaquim*: “Ponto de crochê”, “Boa noite, senhor” (“O bem amado” na primeira versão) e “No beco” (“Sete anos de pastor”). Vejamos rapidamente o último. O título é clara referência a um episódio bíblico que Camões explorou em um de seus mais célebres sonetos, que trata do amor de Jacó por Raquel, a “serrana bela” e das duas vezes sete anos que aceitou esperar e servir ao pai da moça para casar-se com ela: “Mais servira, se não fora/ Para tão longo amor tão curta a vida!” — conclui o poeta.

A versão do número 11 da revista é muito mais longa do que aquela que os leitores têm em mãos nas edições recentes de *Novelas nada exemplares*. Nela há um enredo claro movimentado por um narrador em primeira pessoa que se coloca na pele de um Jacó que se apaixona por uma Raquel e a convence a ir para a cama com ele. Depois, evidentemente, ele a abandona, mas o

lirismo de sua voz, concretizado numa série de longos parênteses emocionados ao longo da narrativa, se mantém no desfecho: “Aqui estou sob o poste, aqui ficarei por sete anos”. Enfim, uma história de sedução contada por um cara-de-pau construída com uma ironia, a bem dizer, fácil.

Na versão final, o lirismo, como o enredo claro, se desfaz. Não há mais paralelo com a Bíblia ou com Camões, e o leitor precisa de esforço para acompanhar mais que as investidas de João sobre Joana (não é mais Raquel, é claro), que constituem apenas a abertura do conto. Tudo a partir dali é apenas sugerido. Joana deixa de ser a simples vítima de um sedutor. Ela tem um passado e o rapaz não sabe bem o que tem e o que não tem. O que era resolução na versão inicial, na final é indefinição e inquietação.

UM ATAQUE DE PESO

Unanimidade, em todo caso, não houve no lançamento do livro. Um dos mais prestigiosos críticos do momento, Otto Maria Carpeaux, que aliás havia colaborado com *Joaquim*, escreveu um artigo demolidor sobre o livro. O título já era de arrasar: “Pretensão sem surpresa”. Começava afirmando que a “matéria do Sr. Dalton Trevisan é a vida de gente primitiva: crianças, adolescentes, pequenos empregados, prostitutas, criminosos, idiotas, loucos” para dizer que a “vida de gente primitiva costuma ser trivial. Por isso, o termo define perfeitamente as trinta histórias do volume”.

E a questão do provincianismo vem em seguida: “Sente-se na leitura das *Novelas nada exemplares* que não foram escritas em Paris nem em Madri nem em Roma. A náusea do autor curitibano não é produzida pela vida sans

phrase, mas apenas pela estreiteza da vida provinciana, que lhe parece maldição apocalíptica”.

TRIVIALIDADE

O que parece ter escapado a Carpeaux, assim como a muita gente que, diferentemente dele, aprecia os contos de Dalton Trevisan, é que identificar a “matéria” de um escritor não é empreender leitura propriamente crítica. É inegável que os tipos humanos apequenados, presas de desejos inexplicáveis ou de condições de vida paupérrimas (e não apenas materialmente) estão no centro de toda a obra do escritor. A questão é: o que elas estão fazendo lá?

Vejamos o caso do conto que abre as *Novelas nada exemplares*, “Pedrinho”. Carpeaux assim descreve sua trivialidade: “Exemplo: um menino adocece; os pais ficam desesperados; o menino morre; e é só. É o enredo de ‘Pedrinho’, que abre o volume. O acontecimento é triste, mas não é trágico, não é dramático, não surpreende, não é novela. Diriam que é uma trivialidade? Não seria censura, seria definição”.

É difícil discordar do crítico, o enredo é esse mesmo, e explora a trivialidade de toda e qualquer morte — haverá algo mais trivial do que a indesejada das gentes? A questão é o que fica de fora. O enredo não é tudo. É preciso prestar atenção no que levou o menino a morrer. Ele tem uma dor. Os pais, por falta de recurso ou de cuidado — isso o conto não esclarece jamais — não tomam nenhuma providência. “Vai passar”. Mas não passa. Então levam o menino à farmácia, e o diagnóstico é taxativo: não é nada, só uma gripe, basta um xarope que passa. Mas não passa, e Pedrinho morre.

É preciso atentar também para o que aquela morte acarreta. A mãe entra em desespero, e o pai a censura: “Não chore, mulher. Sou o pai, não estou chorando”. Prático, o homem toma providências e compra um par de tênis, que o menino tanto queria, para prepará-lo para o enterro. E o conto se encerra assim: “Enfiou no pé frio o sapato branco de tênis. Ao pentear-lhe o loiro cabelo, a cabeça ainda em fogo. Encolheu-se no canto, acendeu um cigarro. Caiu-lhe o cigarro da boca e partiu-se o coração em sete pedaços”.

PERGUNTAS

O não-dito e o não-chorado estão no centro do conto. É a consciência da perda do filho que finalmente golpeia o pai. Mas não é só isso. É a consciência difusa de que a morte poderia ter sido evitada. É a inutilidade do tênis, que vai para a cova sem que o menino sequer o tenha visto. É a



Edições da revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan no final dos anos 1940, uma década antes de sua estreia oficial em livro como contista.

LUÍS BUENO é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e autor de *Uma história do romance de 30* (2006). Também organizou os livros *Capas de Santa Rosa* e *O tempo visto daqui: 85 cronistas paranaenses*. Em 2018 publicou seu primeiro romance, *Paradeiro*.

inutilidade da própria vida, coisa besta. Nesse instante, o pai não é nem pobre, nem provinciano, nem pai: é uma pessoa perdida em meio a tantas relações.

Não há grandeza nisso. Não há grandeza na pequenez. Mas em que mesmo há grandeza?

O tempo todo essa pergunta pega o leitor dessas *Novelas nada exemplares*: mas em que mesmo há grandeza? Alguns preferem tampar os ouvidos. Afinal, não compomos a gente primitiva, compomos outro grupo melhor, o daqueles que leem literatura. Não compomos o grupo dos provincianos, vivendo ou não na província.

E essa é outra pergunta que o livro nos faz: onde não é a província? Em que lugar estamos acima dos nossos desejos? Em que parte nossos desejos são mais nobres que os desejos do moço que vive de pensão em pensão, da mocinha que queima o pai morto que a estuprava, do velho que mata a mulher e nem pode se consolar com a ideia de que fora ao menos justo, do casal que se esfrega à noite pelas ruas escondendo-se sob árvores, do homem que passa a vida toda atormentando mulher e filhas e termina morto por elas?

A mesquinharia, a maldade de que ninguém tira proveito, o assassinato banal, o interesse extremo por coisas de pequeno valor, o estupro, a exploração, o desejo sexual inconfessável, o incesto, a vingança miúda, a dor enorme sofrida e infligida por coisas ínfimas, a desilusão, o suicídio. O egoísmo mais enraizado. Os pobrezinhos escondidos no canto escuro da província é que padecem desses flagelos?

As perguntas são a força da trivialidade deste livro sexagário. ■

POEMAS | CARLOS MOREIRA

primeira lição para estripar um homem:
estripa-se o seu nome em praça suja
sua língua na lama sua sombra na sombra
em cada passo um golpe de medo
e no segredo que nunca houve
as larvas de milhões de segredos

segunda lição para estripar um homem:
para saber sua altura usar a régua do porco
a régua do rato a métrica do nojo
a balança do fogo: cada quilo valerá
menos que o outro e cada centímetro
um corpo a menos: a menos que o corpo
se jogue da ponte ou do porto
e poupe o inútil trabalho da vila
de matar um homem morto

terceira lição para estripar um homem:
não se estripa um homem só:
estripam-se os avós e netos
amigos silêncios e objetos
que cercam o homem a ser estripado
e tudo deverá caber no mesmo saco
um mundo inteiro reduzido
ao suposto fato de que tudo
retornará ao nada de que foi originado

quarta lição para estripar um homem:
estripa-se a palavra do homem
o dito o não dito o interdito
naquilo que sendo fala também cala
o que o torna homem: sua palavra
de homem que agora estripada
vale nada ou menos o que a pele
diria à faca: bem-vinda, senhora
sinta-se em casa

quinta lição para estripar um homem:
após estripado lança-se tudo
no fosso do fundo do calabouço
entre outros tantos estripados
carcaças de sonhos pedaços de loucos
para que até o fim dos tempos
de nenhum corredor possa brotar
o vivo reflexo de seus olhos

sexta lição para estripar um homem:
a vila inteira deverá lavar a praça
as ruas as casas as igrejas as estradas
e a própria vila deverá mergulhar
e manchar o rio com o vermelho
que escorrer de suas roupas pálidas
e queimá-las numa fogueira imensa
e caminharem nus e em silêncio
cada um em direção à cova de sua casa

última lição para estripar um homem:
verificar com exato cuidado
se a baleia não quer vomitá-lo
se não possui uma flauta de pedra
ou uma antiga lira afiada
que faça arrepiar a terra:
neste caso foi inútil estripá-lo:
multiplicado milpartido libertado
ele rompe a corrente do tempo
e atinge maior o outro lado:
inútil o sono da vila enquanto
canta o estripado

*

jack e eu nos damos razoavelmente bem:
o suficiente para não nos matarmos:
difíceis são as noites porque jack reza muito
e seu arrependimento aparentemente sincero
inunda o chão: é preciso levantar
no meio da noite e molhar os pés
nos pedidos de perdão de jack: há muitas vidas
em sua vida na vida de sua navalha de aço
no gume de seu bisturi sedento:
jack reza e geme e se arrepende
com aparente sinceridade: penso se algum dia
ele secará se ele transbordará até
a última gota se tudo de repente sairá dele
por simples cansaço desidratação da culpa
ou perdão de algum deus impaciente
que diga: chega jack: deixe os outros
dormirem em paz deixe de inundar o chão
na madrugada deixe os mortos em paz
não os faça flutuar na barca furada
do teu pedido de perdão: a canoa do perdão

também naufraga no cotidiano: talvez então
 jack se cale e nos deixe dormir em paz
 sem a umidade debaixo da cama
 e não como fetos que acordam cobertos
 de musgo e sangue e água: mas no fundo
 duvido que essa noite chegará: são muito sujas
 as duas mãos de jack seu abdômen de inseto
 seu olhar que pouco pisca: eu e ele
 nos damos razoavelmente bem: mas não
 o suficiente para que minha navalha
 não durma embaixo do meu travesseiro
 a um toque da minha mão esquerda

*

o enterrado vivo está vivo: o sol
 não percebeu sua falta: a noite chega
 sem aviso e deita noite sobre a noite
 do enterrado vivo: é noite sempre
 onde o enterrado vivo está: é sempre
 noite quando o enterrado vivo é:
 mesmo que cave em todas direções
 estará vivo e enterrado: um tabuleiro de xadrez
 nas paredes e o calendário inútil: para quem
 enviar sinais de fumaça código morse cartas cifradas?
 gastar seu aramaico com os vermes para quê?
 enterrado vivo com seus livros para quê?
 enterrado vivo: maldito enterrado vivo:
 cravo na lapela flores ao redor a sombra acesa
 de uma aliança: tudo vivo e enterrado
 com o enterrado vivo: ele ainda é livre
 para cantar: a música reverbera nas paredes
 e no terceiro acorde já é outra música:
 as palavras ricocheteando nos cantos:
 fonemas bêbados se abraçando no ar
 em busca de uma língua: os vermes
 permanecem fora à espreita da morte
 do enterrado vivo: reclamam da demora:
 seus pulmões reciclam o ar? seus olhos
 escondiam luz em que retina falsa?
 os dias passam e os vermes esperam:
 chove e os vermes esperam: é triste
 a vida dos vermes: esperar a morte incerta
 do enterrado vivo: o enterrado vivo vive:
 vai libertando aos poucos a memória aprisionada:

a luz atravessando o quarto: a gargalhada
 inundada de maresia: as portas se abrindo
 e ela entrando vestida de sol: cães acompanhando
 a volta para casa e logo desaparecendo:
 bolinhos quentes de chuva brilhando entre
 açúcar e canela: a voz livre ecoando no teatro:
 o cheiro de uma mulher que se perdeu na multidão:
 tudo vivo no enterrado vivo: nem alucinação
 nem febre: só a pressão do ar nos tímpanos
 que às vezes atravessa o hipotálamo: a palavra
 hipotálamo e de repente o riso detonado
 pelo falso cognato: qual o diâmetro
 do hipotálamo de um hipopótamo? libélulas
 têm hipotálamo? elas conseguem ver seu reflexo
 enquanto colhem gotas? lesmas podem sofrer
 de labirintite? ouriços da polinésia que vivem
 cento e cinquenta anos têm memória da infância?
 o enterrado vivo ri: e ao saber que ri gargalha:
 do lado de fora os vermes o escutam gargalhar
 e se eriçam: devem ser gritos espasmos haustos
 de sufocamento ou um possível enforcamento
 com a gravata lilás: depois o silêncio: os que estão
 mais próximos avançam um pouco seus úmidos
 passos de verme: mas não: o chão ainda vibra
 ainda há calor na terra: amargurados
 deitam-se em círculo e esperam: maldito
 enterrado vivo: capaz que mesmo morto continue:
 como saber a hora de cavar salivar devorar?
 haverá corpo ou num último blefe o desgraçado
 provoque combustão espontânea? mumificação?
 talvez se confunda com as flores? talvez
 salte direto para o estado mineral: pedra
 carvão cobalto urânio radioativo: triste
 e incerta a vida dos vermes: no fundo
 mais profundo o enterrado vivo aflora:
 nem fogo-fátuo nem fluorescência de pétalas:
 de alguma forma o enterrado vivo aflora
 e dança: dança por dentro no centro onde
 tudo começa: e sem pressa respira e dorme
 e acorda: ontem sonhou que era uma trufa negra:
 os cães da antiga madrugada devem estar a caminho ■

CARLOS MOREIRA nasceu em 1974. É autor dos livros
Tetralogia do nada, *Cardume* e *Corpo aberto*. Os poemas
 publicados pelo **Cândido** pertencem ao livro inédito *Seol*.

CAPA

O BOTEÇO PADRÃO DE REINALDO MORAES

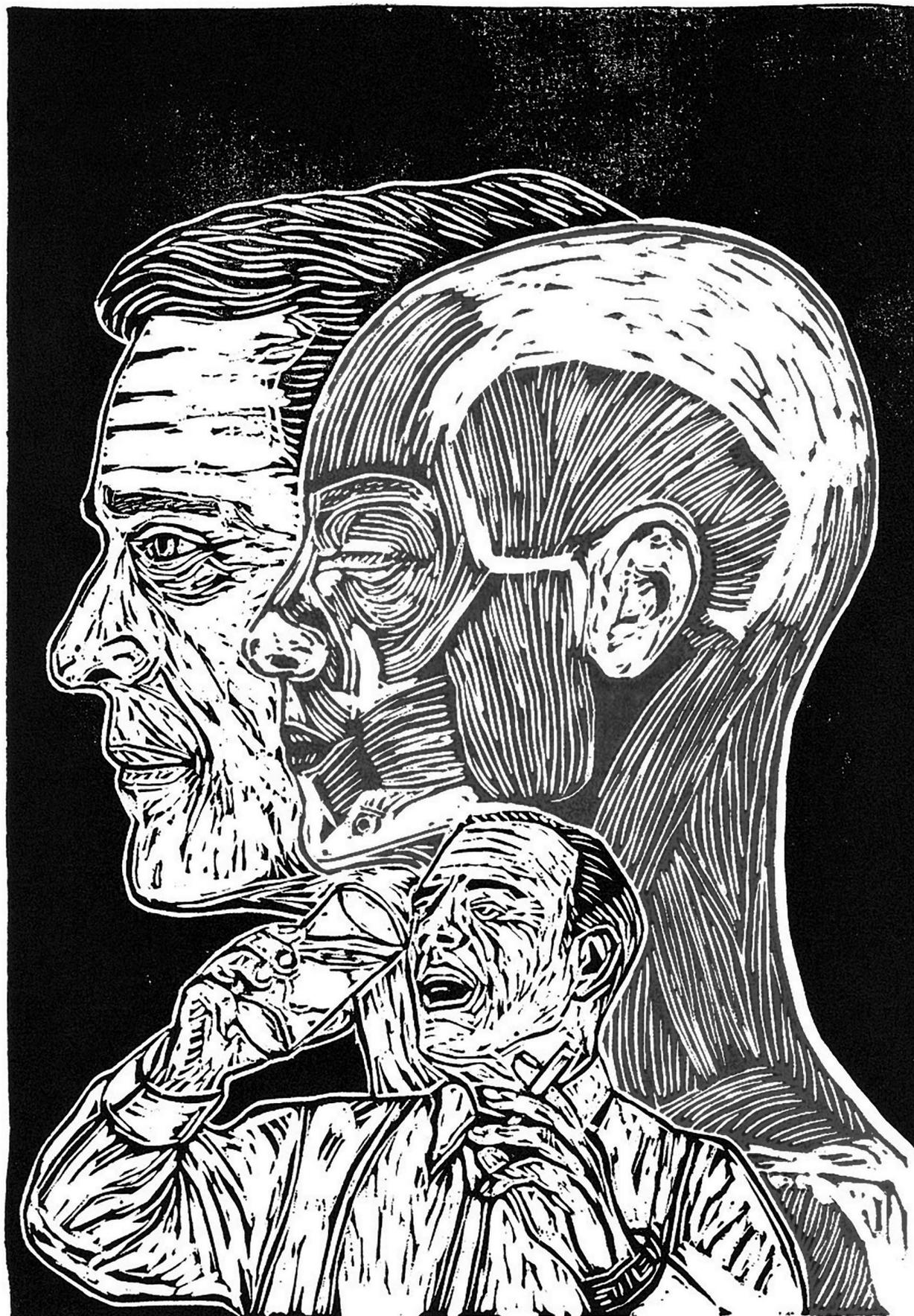
O escritor paulistano fala sobre *Maior que o mundo*, primeiro volume de uma trilogia de romances e que retoma os temas e a linguagem do clássico moderno *Pornopopéia*, lançado há dez anos

RODRIGO CASARIN

Cadeiras e mesas bambas enchem o salão interno e ladeiam a parede do lado de fora do bar, onde bitucas de cigarros, papéis de bala e chicletes grudados no chão decoram a calçada. O balcão costuma ser de azulejos quadriculados em vermelho, branco, azul ou alguma mescla dessas cores. Geladeiras de cervejas nem sempre tão geladas ficam nos cantos. Salgados fritos e assados descansam numa estufa, às vezes bem acompanhados por um torresmo velho ou um ovo colorido. Pelo espaço interno em L ou T, atendentes passeiam carregando pratos de comida na hora do almoço e lanches cheios de óleo a qualquer hora do dia. Em algum lugar há um apanhado de frutas — que em alguns casos ficam ostensivamente, fedidamente e cafonamente penduradas sobre o balcão molhado com a água que escorre pela parede externa de garrafas e copos americanos.

Eis um típico boteco paulistano. Se você chamar Reinaldo Moraes para uma conversa, a chance de ele indicar um lugar desses para o encontro é bastante

ILUSTRAÇÃO: MÁRIO DE ALENCAR



grande — no meu caso, nossos papos se deram em algum endereço do tipo em impressionantes 100% das vezes. Provavelmente por isso que matérias sobre o autor de *Pornopopéia* comumente citam que a entrevista aconteceu entre goles de cerveja e cachaça. Nossa troca de ideias sobre seu mais novo livro, *Maior que o mundo*, publicado no final do ano passado pela Alfaguara, seguiu quase que à risca o clichê, exceto pela falta de cachaça e pelo infeliz refrigerante zero que precisei escolher como companhia — compromissos na sequência não permitiam uma língua eventualmente inchada.

Dessa vez nos encontramos no bar padrão em frente ao metrô Vila Madalena, bairro onde Reinaldo mora desde que deixou a região da Paulista. Está a poucas quadras do Pé pra Fora, bar nem tão padrão assim que servia de ponto de partida para romarias etílicas junto com os camaradas Mario Prata, também escritor, e Matthew Shirts, jornalista e tradutor — “os três patetas”, define Reinaldo. Ali pelos anos 1980, 1990, era comum que almoçassem no Pé, tomassem alguma coisa e engrenassem conversas que se desdobravam em outros bares e podiam terminar com o sol do dia seguinte já nascendo. Eram outros tempos. Matthew e Mario precisaram largar o álcool e o terceiro “pateta”, aos 69 anos, anda pegando bem mais leve.

Quem acompanha o trabalho de Reinaldo sabe que é fácil se deparar com seus personagens fazendo peregrinações do tipo, rodando por botecos espalhados por bairros de São Paulo confinados entre os rios Tietê e Pinheiros, com uma cara predileção pelo centro e a zona oeste. Apesar de ter nascido no Brás e morado no Butantã na juventude, Reinaldo também viveu a maior parte da vida nos cantos familiares às suas criaturas: Bixiga, Aclimação, idas e vindas para Pinheiros, Santa Cecília, Higienópolis, Vila Madalena, Paulista... Tudo isso fez dele um apaixonado pela cidade. Mentira.

Dentre as coisas que odeia, a principal é o barulho. “Não suporto o barulho. Onde eu moro faz um puta de um barulho. No outro apartamento onde morava, quando mudei, só tinha casinha por perto. Pensei: ‘logo elas vão abaixo’. Aí construíram quatro prédios. Morava num canteiro de obras. Fui numa loja de equipamentos de segurança e comprei um abafador. Pedi um bão mesmo. Peguei um para clube de tiros e operadores de máquinas pesada. Coloquei e falei: ‘é esse’. Demora um pouco para se adaptar, você começa a ouvir as batidas do coração, parece que está entrando num submarino a mil metros de

profundidade. Mas hoje acostumei”, conta ele, que, se pudesse, procuraria pelas margens de outro rio — o Sena — para habitar. “Nasci e sempre morei aqui. Não é uma escolha. Passei dois anos em Paris por causa de uma bolsa que ganhei. Voltei porque estava sem grana. Se tivesse ganhado na loteria, estava morando em Paris. Não tenho nenhum patriotismo, bairrismo, municipalismo com relação a São Paulo.”

UM OUTRO PORNOPOPÉIA?

Das andanças por Paris que nasceu *Tanto faz*, seu primeiro romance, publicado em 1981. Quatro anos depois saíria *Abacaxi*, confirmando Reinaldo como um dos prosadores de quem poderíamos esperar algo e delineando os principais traços de suas histórias: sexo com doses generosas de erotismo ou pornografia, drogas lícitas e ilícitas, andanças por grandes cidades e personagens carismáticos e um tanto perdidos na vida, um tanto abertos para o mundo e sempre pretensamente prontos para o coito, tudo isso embalado por um humor que alterna entre refinamento erudito e trocadilhos dignos de rodas de qualquer boteco padrão — esse contraste, aliás, é uma marca da linguagem empregada nas narrativas.

Depois de *Abacaxi*, Reinaldo passou um longo período se dedicando a outros gêneros: crônicas, contos, roteiros... até infantojuvenil. Só retornaria ao romance mais de duas décadas depois, em 2008, com *Pornopopéia*, um dos livros mais importantes da literatura brasileira neste século. Nele acompanhamos o cineasta Zeca em uma epopeia erótica — como o título entrega — pe-

los submundos paulistanos cheios de drogas e sacanagens (sacanagens que depois continuam em Ubatuba, no litoral norte do estado).

Maior que o mundo, enfim, nasce após mais uma espera longa, agora de dez anos. Reinaldo trabalhava na história de um bicheiro metafísico que, apesar de ter mais de 450 páginas escritas, parecia não ir adiante. Foi aí que o procuraram para comprar os direitos cinematográficos de *Pornopopéia*, que, entretanto, já tinham sido vendidos. Roberto Marquez, o cineasta interessado, fez uma nova oferta: daria uma boa grana pelo roteiro de uma história semelhante, com prostitutas, rua Augusta e drogas. Negócio fechado.

“Quando comecei, falei: ‘é essa história que quero escrever’. Tanto que fiz um acordo, ele ficava com os direitos de cinema, eu ficava com os direitos editoriais. Dessa vez é o autor que vai trair o cineasta”, diz Reinaldo. *Maior que o mundo* é o primeiro livro de uma trilogia e realmente apresenta muitas semelhanças com o romance anterior, tanto que a orelha do livro imagina um diálogo entre os protagonistas comentando as proximidades entre as narrativas. “Comecei a me preocupar com as semelhanças, mas uma hora falei: foda-se. É outra história, outro cara. Tem coisas que se repetem, a escrita é parecida, mas foda-se, estou me divertindo aqui”, lembra o escritor, que dispensa qualquer tipo de patrulha quando está criando: “Fiquei pensando: mais um livro sobre escritor ou sobre artista?! Mas vou fazer o quê, ficar me policiando? O que estava saindo era isso. Quando estou escrevendo não tenho nenhum tipo de polícia: família, filhos, amigos...”

CAPA

MESTRE DA SACANAGEM

Maior que o mundo alterna entre a primeira e a terceira pessoa para acompanhar de perto Cássio Adalberto, autor do bem-sucedido *Strumbicômboli*, fã de Bukowski e que anda numa séria crise criativa — não consegue encontrar a primeira frase emblemática que o fará deslanchar na escrita de seu segundo romance. Kabeto, como o herói é chamado pelos íntimos, resolve sair pelas ruas de São Paulo registrando suas ideias, impressões e confusões com cabeleireiros e marombados em um gravador; alguma coisa há de ser aproveitada, crê. Nesse vai e vem que dura um final de semana, muito da literatura reinaldiana: bebedeira homérica, debates etílico-literários turbinados por um baseado ocasional ou uma cachacinha — Kabeto largou o pó tem algum tempo — e, como não poderia deixar de ser, pelo menos uma memorável cena de orgia, abrilhantada por uma ruivinha que o autor assume ter sido inspirada em algumas atrizes pornô que encontrou pela internet.

Cinquentão e um tanto mais velho do que seus amigos, em alguns momentos Kabeto sente o peso da idade — com a gravidade agindo como inimigo implacável de seu sexo — e o deslocamento geracional, o que serviu de pretexto para, no boteco padrão, Reinaldo falar sobre como encara o politicamente correto. “Ele age como uma espécie de superego adicional. O personagem é sexista, machista, mas isso é uma coisa que vem da mesa de bar. Tem uma hora que as personagens femininas jovens e mesmo o amigo mais jovem ficam encarando nele, chamam o Kabeto de dinossauro. Mas a galera gosta dele porque é da boemia, é engraçado, culto...”

Enquanto lia *Maior que o mundo* para a conversa que teria com o escritor, Giovana Madalosso, autora de *Tudo pode ser roubado*, outro romance que se passa pelas ruas e bares da capital paulista, comentou em seu *Twitter* que andava dando muitas risadas com o novo livro de Reinaldo. Perguntei o porquê. “Estou na página 191 e o Kabeto segue flanando por São Paulo sem que nada de significativo tenha acontecido. Nada de significativo para ele porque no tecido literário muito aconteceu, começando justamente por essa eloquência hipnótica acerca do nada, ora em primeira, ora em terceira pessoa, e passando de um foco narrativo para outro com tamanha fluidez que a mudança é quase imperceptível. Também é preciso falar do humor. Durante a leitura, tenho rido alto. São raríssimos os livros que me fazem rir em bom som”, me escreveu.

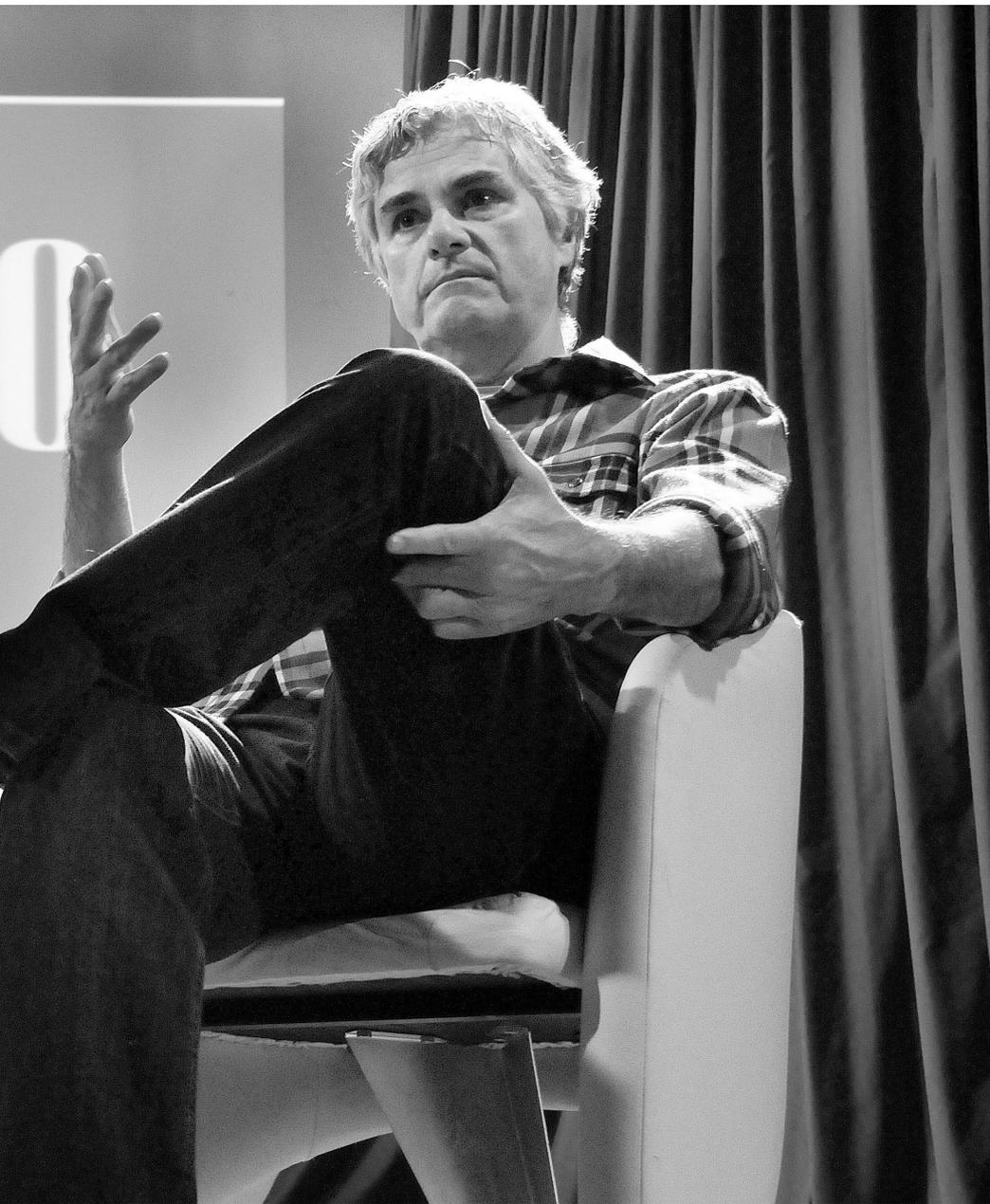
O autor de *Pornopopéia* em 2011, quando participou do projeto Um Escritor na Biblioteca, na BPP.



Outro jovem escritor bastante familiarizado com as esquinas por onde Kabeto zanza é Fabrício Corsaletti, autor de *Perambule*. “A perambulação do Kabeto pela Teodoro Sampaio, pela Augusta, numa cena longa, de umas 150 páginas, é de um realismo muito bem escrito. O estilo do Reinaldo é cada vez mais único, inimitável. Os personagens são muito fortes,

as passagens são muito engraçadas”, comenta Corsaletti, que notou um equívoco na narrativa. “Tem um trecho do livro que o Kabeto está descendo a Augusta e sai da rua para fumar um baseado numa rua mais tranquila. O Reinaldo descreve errado o trajeto, não tem como fazer o caminho que o personagem fez e sair de novo na Augusta. Ele pararia em outro lugar.”

KRAW PENAS



No trecho em questão, Kabeto deixa a Augusta e entra à esquerda na Matias Aires, à direita na Haddock Lobo e à direita novamente na Antônio Carlos, onde busca “um hiato de gente e carros que lhe permita acender a bagana guardada na caixa de fósforos”; erva na cabeça, retorna para a Augusta, desenhando um percurso impossível na São Paulo real,

onde quem sai da Matias Aires e vira à direita na Haddock Lobo vai sentido Fernando de Albuquerque, não Antônio Carlos, que seria a primeira travessa caso a guinada fosse à esquerda. Reinaldo reconhece o “erro de GPS” — ele que cantou a bola sobre o equívoco encontrado por Coraletti, aliás —, mas não se preocupa com isso. “Não vou corrigir. É o

personagem que está falando, ele que errou o nome da rua, até porque está dando uma bola”, diz. “Quase errei também o lado da Augusta, que passando o Conjunto Nacional desceria em direção ao centro, não aos Jardins, mas esse eu peguei a tempo.”

Também admiradora do trabalho do autor é Eliane Robert Moraes, doutora em filosofia e uma das maiores especialistas em literatura erótica do Brasil, que coloca Reinaldo ao lado de Hilda Hilst como os grandes escritores brasileiros em matéria de erotismo. “Em que pesem as diferenças entre ambos, seus romances e contos se vinculam a uma das mais vigorosas linhagens da moderna literatura ocidental, que passa pelas obras de Georges Bataille, Pierre Louÿs ou Henry Miller, só para citar alguns nomes do século XX”, compara Eliane, que, entrando em *Maior que o mundo*, prossegue:

“Os personagens de Reinaldo se impõem como algumas das mais bem-acabadas figuras do excesso da nossa literatura. Isso porque a ‘esbórnica químió-sexual’ na qual eles se lançam vertiginosamente é, a rigor, uma formidável esbórnica de palavras. Para conceber tamanha orgia verbal, o autor não se furta a visitar as mais chulas criações populares do baixo calão, como ‘futucar o courinho’, ‘meter a rola’ ou ‘fuque-fuque’, às quais ainda acrescenta notáveis achados da própria lavra como ‘fazer o cu piscar pro freguês’, ‘hortifrutiputona’ ou ‘emborrachar o mandrová’, entre uma infinidade de outros. A ficção erótica de Moraes corrige o mundo segundo os imperativos do desejo, sem ter que observar qualquer constrangimento, seja ele de ordem moral, ética, política, religiosa ou psicológica”.

Tais palavras ajudam a dar uma dimensão de quanto Reinaldo precisa se dedicar à construção das longas cenas de sexo. “É a coisa mais difícil; não é só a descrição gráfica. O cara tem que manter aquela cabeça que você conhece, tem as pensatas no meio da enrabada, do boquete, aí ele brocha, está ficando velho, tem todas as inseguranças ligadas a isso... É preciso pensar na própria coreografia: uma brochada do Kabeto, depois uma cena com duas meninas, a ruiva e a amiga que ele conhece há anos... Tem que ser tudo muito preciso, como Homero mostrando os oponentes que estão ali tentando se destruir. No bacanal é isso, um tentando dominar o outro a todo momento.” ➔

CAPA

DIVULGAÇÃO



A Merceria São Pedro, um dos habitats de Reinaldo Moraes em São Paulo.

QUEM PRECISA DISSO?

Entre os pensamentos de Kabeto e as conversas com seus amigos, algumas frases de *Maior que o mundo* refletem o momento do nosso mundo literário. “Quem precisa de outro romance meu ou de quem quer que seja?”, registra o personagem. Na mesa do boteco padrão, Reinaldo assume que o pensamento também ecoa em sua cabeça. “A literatura não tem mais uma demanda forte. Talvez a comercial até tenha, mas essa literatura que nasce das bolas do saco, do centro da hipófise, não. Se eu, o Milton Hatoum, o Joca Terron pararmos de escrever, ninguém sentirá uma lacuna. É uma ideia

um pouco pessimista sobre a posição da literatura na cultura e da cultura na vida nacional. Nosso capitão acha que cultura e merda é a mesma coisa...”

No entanto, sabemos que para alguns milhares a literatura é imprescindível e esses sempre têm algum grande livro para indicar. No papo, Reinaldo andava empolgado com Roberto Bolaño. Quando estive no México para escrever o livro que

jamais escreveu para a série *Amores Expressos*, leu *Putas assassinas* e não curtiu muito. Há pouco deu uma nova chance ao chileno. Mergulhou numa edição em espanhol de *Os detetives selvagens* ao longo de três meses. Adorou. “Ele tem uma legibilidade total, não tem nenhuma encrenca, é a questão da narrativa mesmo: coloca 40 vezes, pessoas que conheceram os personagens e vão dando depoimentos. Você não



Elenco do filme *Maior que o mundo*, do cineasta Roberto Marquez, baseado no livro homônimo de Reinaldo Moraes.

vê os dois poetas principais falando, não sabe o que pensam, só os outros falam deles. É um livro fantástico, fiquei maluco.”

No boteco padrão, tomo meu refrigerante zero enquanto Reinaldo tomba duas garrafas de cerveja acompanhadas de absolutamente nenhuma dose de cachaça. Para o escritor, agora são raros os rolês intermináveis e poucos os porres épicos que poderiam comprometer a

produção dos próximos dois volumes da trilogia — o segundo já está praticamente pronto, mas ainda há muito trabalho a ser feito no terceiro — e do livro com três novelas no qual pretende colocar a história condensada do bicheiro metafísico. “Eu fico achando que vou viver até 138 anos”, brinca. Bem, até lá talvez sua rotina mude um pouco, mas por ora o que temos é isso:

“Tô velho. Levanto umas 6h,

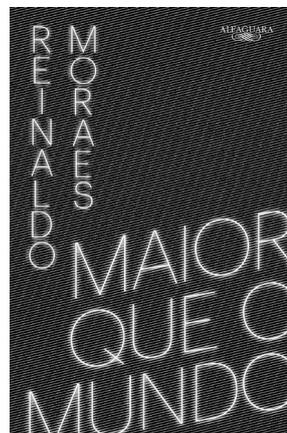
faço um café fortíssimo e mando bala. Revejo o que escrevi no dia anterior e avanço a coisa. De tarde fico mais relex, mando um cigarrinho de artista e uma meia dúzia de cervejinhas. Depois trabalho até umas 23h e capoto. Esse é o esquema ideal”. O botequismo, no entanto, segue sendo seu esporte favorito e vez ou outra ele vai de bar padrão em bar nem tão padrão assim e roda pela São Paulo que bem conhece sem que perceba o adiantar da hora, é nesse momento que a idade cobra o preço. “A ressaca aos 70 é violenta, diferente da ressaca aos 30. Aí acordo deprimido, fodido, com taquicardia, caganeira...” ■

PRATELEIRA | REINALDO MORAES

MAIOR QUE O MUNDO

(Alfaguara, 2018)

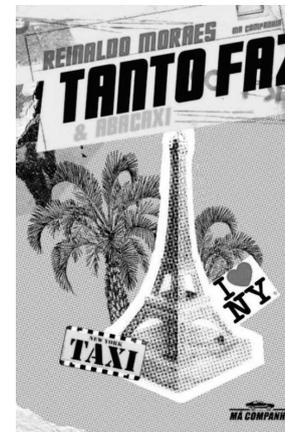
Após um hiato de dez anos, o paulistano Reinaldo Moraes volta ao romance com *Maior que o mundo*. O livro, que é o primeiro volume de uma trilogia homônima, acompanha as peripécias do cinquentão Cássio Adalberto, o Kabeto. Vivendo à sombra de *Strumbicômboli*, seu único sucesso editorial, ele está em busca de uma grande frase para abrir a nova obra que pretende escrever. Um gravador está sempre em mãos para registrar toda e qualquer ideia que possa ser usada para o próximo romance. Longe de ser um *flâneur* introspectivo, porém, que registra a movimentação das ruas de São Paulo como um receptor passivo, o que Kabeto faz é interagir com a loucura da metrópole, numa espécie de parto frenético de ideias e alguma ação física. É assim que, enquanto a frase perfeita não brota, Kabeto carrega o fardo de ser um escritor bloqueado e leva uma vida de excessos — putaria, maconha e muita cerveja com steinhäger na mesa do seu boteco favorito, o Farta Brutos, ao lado de gente como o coreano Park e a “mina” que se chama Mina. Há espaço para tudo na nova empreitada de Moraes, do humor mais rasteiro à melancolia, em mais de 400 páginas entupidas de “trocadinhos” e situações hilariantes.



TANTO FAZ & ABACAXI

(Má Companhia, 2011)

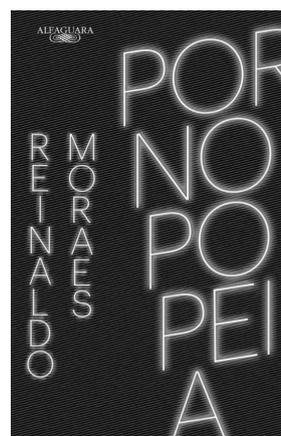
Publicados originalmente em 1981 e 1985, respectivamente, *Tanto faz & Abacaxi* foram reunidos mais de 20 anos depois em uma edição única. *Tanto faz*, que marca a estreia de Moraes na literatura, traz todos os elementos que notabilizariam o autor mais tarde. O personagem principal é o “estudante” Ricardo, que passa um ano na École Pratiques des Hautes Études Économiques, em Paris. O que o protagonista menos faz, porém, é estudar. Sua rotina consiste em porres homéricos, drogas pesadas, ressacas que lhe causavam “ânsia de vômito cada vez que piscava” e a busca incessante por sacanagem. Quando o período sabático acaba e é hora de voltar a São Paulo, uma outra oportunidade o joga novamente na trilha do hedonismo. O livro seguinte, *Abacaxi*, traz o mesmo personagem e é uma continuação do livro de estreia. Desta vez, Ricardo está em Nova York, hospedado na casa da prima de uma amiga que conheceu em Paris, uma “business woman durante o dia e lobiswoman depois do expediente”. A história de excessos se repete, mas desta vez vem acompanhada de uma melancolia ferrenha, no que a autoanálise do protagonista se mostra certa: “Nessa época eu não aguentava padecer nem cinco minutos de culpa, tédio, tristeza, banzo, angústia, medo, rejeição; eu me rebelava de algum jeito, acendia um charo, ia ao cinema, botava um rock na vitrola, batia uma punheta, bebia um bar e meio, qualquer coisa que me ajudasse a catar o porco-espinho à unha”.



PORNOPOPÉIA

(Alfaguara, 2019)

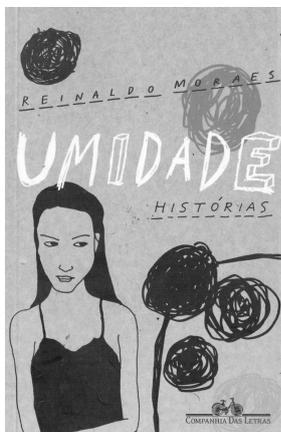
Lançado originalmente em 2009, e reeditado em 2019, *Pornopopéia* oferece pistas de seu teor desde o título: trata-se, de fato, de uma epopeia regada a putaria, álcool e abuso de drogas. Longe do caráter mais grave e heroico que as obras épicas têm, o que Reinaldo Moraes constrói neste romance é rasteiro e sórdido. O bebedor e cocainômano José Carlos Ribeiro, mais conhecido como Zeca, tem no currículo de ex-cineasta marginal apenas um longa-metragem, *Holisticofrenia* — que, aliás, foi uma das fontes de inspiração para Kabeto durante a escrita de *Strumbicômboli*, em *Maior que o mundo*, o “sucessor” de *Pornopopéia*. Vivendo na base do improviso e passeando pelo submundo de uma São Paulo na qual é sempre noite, Zeca procrastina a elaboração de um vídeo institucional sobre embutidos de frango e segue uma rotina demencial, bebendo e cheirando muito, além de negligenciar a esposa e a filha. Nessa loucura, o diretor frustrado acaba participando de uma suruba com toques místicos (onde quem se destaca é o personagem Melquíades, um bailarino viril), sai com várias prostitutas e se engendra num caminho perigoso, meio sem volta, depois de presenciar a morte de seu fornecedor de cocaína.



UMIDADE

(Companhia das Letras, 2005)

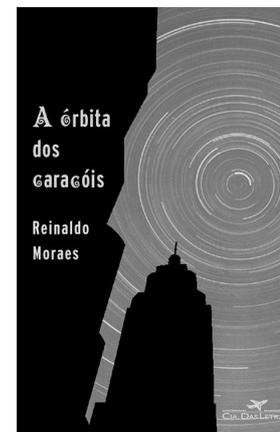
Além de textos inéditos, a primeira reunião de contos de Reinaldo Moraes traz narrativas publicadas originalmente em revistas e coletâneas. As histórias, que trazem o característico trabalho de linguagem do autor e sua obsessão pela sacanagem, evidenciam com sutileza o patético de ser humano. As situações vão da discussão de um casal de velhos antes do sexo (“Quero um salsichão, Horácio”) à derrocada do mauricinho Liminha, que “pegou o hábito de acessar sites de sacanagem da internet em pleno horário de trabalho” e acabou tropeçando nas próprias pernas ao tentar se embrenhar pelos caminhos da “nova economia” — tudo para impressionar a viúva e burguesa Mariana. Os problemas que vêm à tona, assim, são sintomáticos de uma “classe média” entediada, que, como micro-organismos, se proliferam e vão tomando conta da Terra.



A ÓRBITA DOS CARACÓIS

(Cia. das Letras, 2003)

Obra juvenil que marca o retorno de Reinaldo Moraes à prosa de maior fôlego após um hiato de 17 anos, *A órbita dos caracóis* traz a história da paixão entre a linda burguesinha paulistana Juliana e o brilhante bioquímico Tota, que é mais chegado em um tutuzinho à mineira do que em escargots e é assolado por pressentimentos perturbadores. Unindo forças, os amantes precisam confiar na sorte e na criatividade para resolver questões urgentes em São Paulo — de um desastre nuclear ao ataque de superbactérias assassinas, em uma estranha situação que, aparentemente, pode ser solucionada por um alto executivo do ramo das telecomunicações. Enquanto os problemas seguem pulsantes, a única certeza é que o leitor dificilmente poderá se desvencilhar dessa narrativa diabolicamente surpreendente e bem-humorada.



O CHEIRINHO DO AMOR

(Alfaguara, 2014)

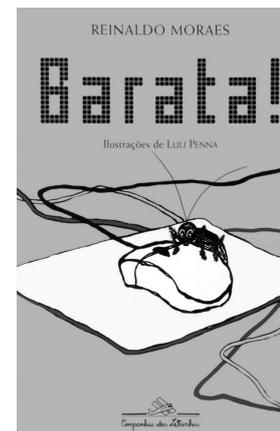
Reunião de textos publicados por Reinaldo Moraes entre 2011 e 2014 na revista masculina *Status*, *O cheirinho do amor* traz um subtítulo elucidativo: crônicas safadas. Pautadas em tudo o que o autor tem de melhor, as narrativas evidenciam um olhar clínico para o que há de mais burlesco na trajetória humana — das “brilhantes ideias de merda”, ou bim, no “jargão idiossincrático” de Moraes, ao fato de que “homens não podem fingir orgasmo se não estiverem de pau duro”. Sem perder uma espécie de essência autoral iniciada há mais de duas décadas, Reinaldo discorre sobre diversos assuntos, com a leveza e o humor de sempre, sem deixar nada escapar — do padre gay que frequenta uma sauna em Roma e participa de uma “bela suruba clerical” ao desempenho de pilotos de Fórmula 1, sempre deixando espaço para a sacanagem e análises pontuais. Aos desavisados, um aviso logo no início: “A *Status*, vale lembrar, é uma revista adulta voltada para o público masculino, razão pela qual eu estou sempre dialogando ali com um hipotético leitor homem, fato esse, no entanto, que não deveria desencorajar as mulheres a ler isso aqui. Ou, pelo menos, tentar”.



BARATA!

(Companhia das Letrinhas, 2007)

Em mais uma incursão pela narrativa infantojuvenil, Reinaldo Moraes trata das relações familiares de uma maneira criativa e também do tão típico apego das crianças aos bichinhos de estimação. Para além do pano de fundo, o autor aborda a relação dos pequenos com o mundo da internet — muito sintomático nos dias de hoje — e das diferenças que precisam ser superadas a fim de uma boa convivência, seja entre o ser humano e seu semelhante, ou entre o homem e a barata. Aos que têm medo, cuidado! Esses insetos normalmente tão discriminados estarão por todas as páginas e protagonizando situações, no mínimo, peculiares — de se tornar seu bichinho de estimação preferido a ir para o ciberespaço enfrentar perigos virtuais.



CONTO | REINALDO MORAES

IDEIA PRA CONTO

O cenário é uma casinha charmosa num sítio na Mantiqueira. Bob tá lá escondido, junto com a amante. Levou consigo 2 milhões de dólares em duas estufadas malas de rodinha. O ervanário é fruto de corrupção no departamento de compras de uma estatal, agência governamental, fundação, instituto, secretaria, departamento ou bosta oficial que o valha. É só abrir o jornal de ontem, de hoje ou de amanhã que os exemplos de maracutaias desse tipo escorrem em abundância das páginas.

Esse Bob é tido como gente fina, grande amigo dos amigos, inteligente, bem formado intelectualmente, com MBA em finanças públicas na GV e bons contatos no mundo político, o que tem lhe valido indicações para postos estratégicos na administração pública, nos quais tem sido possível desviar não poucas verbas. Casado, com filhos, esse Bob contou pra mulher que precisava sair de circulação por conta de uma sindicância na, digamos, Fudesp, onde ocupa uma diretoria. Ele diz que pediu licença do cargo, o que é verdade, até que seus advogados consigam fazer baixar a poeira das denúncias de que é alvo.

A mulher entende a situação, pois sabe que o marido anda implicado em transações bem pouco ortodoxas lá na porra da Fudesp. O que ela não sabe é que o maridão levou pra Mantiqueira uma amante, a Celina, sua secretária. O sítio pertence a um amigo do Bob, que, por segurança, prefere manter o endereço em segredo, segundo diz à esposa.

Então, lá estão Roberto e Celina, sua amante, aconchegados no acolhedor chalé de montanha, sem sinal de internet nem de telefone celular. O propinório está guardado em sacos de esterco seco num paiolzinho nos fundos do terreno crivado de araucárias, às margens de um romântico riacho de águas límpidas.

O reluzente e chamativo Audi S5 vermelho do Bob, de 500 mil reais, está estacionado debaixo de uma árvore, bem ao lado do chalé. A caranga de luxo é um dos xodós de sua vida. O outro é a bela Celina, a quem Bob fez vagas promessas de um casamento futuro, o que pode ou não ser verdade, vai saber. Confiando na boa índole do povinho miúdo da roça, Bob sente-se perfeitamente seguro ali. Nenhum caipira vai roubar um sedan esportivo alemão último tipo que dá na vista em qualquer lugar por onde passe. Ou sua deliciosa

companheira. Povo ali é muito respeitador. Tampouco alguém teria a ideia de ir fuçar nos sacos de esterco do paiol, usados pra adubar a terra. Quem é que haveria de querer roubar bosta seca de vaca e boi?

E é assim que, entre fondues, vinhos caros e trepadas ao pé da lareira, o tempo passa numa boa pro casalzinho apaixonado, sem sobressaltos de qualquer natureza. Até que a realidade vem mudar a escrita dos planos do Bob, sob a forma de dois bandidelhos de fora da pacata região que passam casualmente num velho fusca roubado pela estradinha de terra e avistam o carrão vermelho ao lado do chalé, numa noite chuvosa. São dois pés-de-chinelo, muito jovens e meio patetas, que acabaram de roubar umas galinhas de um sítio vizinho. Sim, são ladrões de galinha, mas têm uma pistola automática e decidem faturar um trôco bão assaltando quem quer que esteja dentro daquele chalé, com fumacinha saindo da chaminé. Em poucos minutos sairão dali com grana viva no bolso e a bordo do carrão do bacana ali hospedado. Se não conseguirem vender o carro, pelo menos darão umas bandas com ele “por aí tudo”. Com uma máquina dessas vai ser muito fácil “de pegá muié”.

Mas eis que Bob e Celina ouvem lá fora um ‘Ó de casa!’ Eles veem pela janela um capiau segurando uma galinha viva debaixo dum guarda-chuva. É um tipo simplérrimo e nada ameaçador. De robe de chambre, Bob abre a porta pra ver do que se trata, no que é rendido pelo comparsa do garoto da galinha, de berro na mão. Ele e Celina são amarrados com fios que acham por ali.

“E então?”, diz o mais velho dos intrusos. “Cadê a grana, cadê a chave do bólido lá fora, cadê as jóia?”

Bob diz que as chaves estão “naquela gaveta ali”, junto com sua carteira, recheada de cartões de crédito e débito, mais uns mil e tantos reais. A dupla resolve engrossar. Acham que tem mais dinheiro escondido em algum lugar. Ameaçam torturar o casal se não abrirem o jogo. Antes, porém, tomam a providência de estuprar Celina, primeiro um, depois o outro. Bob a tudo assiste, morrendo de medo, mas com indifereçável tesão. Depois de muito refocilar no corpinho da secretária, um deles apanha da lareira um pau com a ponta em brasa e ameaça marcar o rosto do Bob. Bob chora, jura que não tem mais dinheiro com ele, mas que poderia tirar mais grana com os cartões na primeira cidade com um banco Itaú com caixa eletrônico 24 horas. Ele poderia lhes dar as senhas dos cartões. Enquanto um fica ali no chalé tomando conta do casal, o outro poderia tratar de sacar o dinheiro num caixa eletrônico. “Pode ir com o Audi. É um tremendo carro. Só me deixem a menina em paz, pelo amor de Deus.”

Há uma discussão entre os dois assaltantes, que divergem sobre o que fazer. Um quer cair logo fora com a carteira

do Bob, mais as poucas jóias de Celina e o carrão do homem. Mas o outro encasqueta: “Tô sentindo cheiro de grana grossa. Vamo barbarizá até esse corno abrir o jogo”.

O outro parça concorda, mas diz: “Di primêro, vamo dá uma geral aqui na casa e naquele paiolzinho lá no fundo do terreno. Se a gente achar alguma coisa, eu mesmo dô um pipoco no meio das ideia desse corno”.

Ouvindo isso, Bob tem um insight. E manda, com voz de desespero:

“Se vocês acharem alguma coisa de valor que eu esqueci de falar, eu mesmo me mato na frente de vocês. Palavra de homem”.

Celina grita: “Não, Bob! Não! Não! Não!” Etc.

Os malas resmungam mas saem revirando a casa toda, quebrando taças, pratos, elementos decorativos, além de tomarem no gargalo o caro Chateau Petrus que o casalzinho degustava em boa paz. Um dos assaltantes sai lá fora pra revistar o paiol. Alumando a escuridão com uma lanterna achada na casa, o garotão rasga os sacos de esterco com seu canivete e topam com o tesouro em espécie acondicionado em sacos plásticos rescendendo a bosta seca.

O mais esquentado da dupla diz mais ou menos assim: “Vamo detoná a mioleira do pleiba espertinho aqui, antes de fudê mais uma vez essa belezinha pendurada nele. Fudê inté enjoá. Ou o contrário: vamo dexá ele assisti a última fodelança da muieziinha dele. Daí, apagamo ela na frente dele. Daí, apagamo ele”.

O comparsa lembra da promessa do homem: “O corno aí num falô que se matava se a gente topasse com grana escondida? Então. Vamo vê se ele tem culhão. Dá o cano pra ele. Se o corninho não tivé culhão de se estorá, a gente corta os culhão dele e joga na lareira. Deixa ele sangrá até morrê”.

Bob é desamarrado e empalma a .357, objeto que pesa fatal em sua mão trêmula. Aperta os olhos, aponta a arma pra tẽmpora, dedo no gatilho. Parece que vai, que vai mesmo rolar o suicídio anunciado. O bacana tá se cagando de medo. Mas tenta enfrentar a barra de se autoaniquilar, verbo que não ocorre a ninguém ali, mas pelo qual esperam atentos os dois galeto, que nunca devem ter visto um suicídio ao vivo.

Tudo vai mal, mas, eis, porém, que, de repente... num gesto rápido e preciso ele aponta a arma pra testa do rapazola à sua frente. Bang, ferida, sangue, corpo que cai. Antes desse aí cair total, pá-pá-pá, chumbo novo no outro, no comparsa, que ainda tenta avançar sobre o diretor licenciado da diretoria de relações propinológicas da Fudesp, grande Fudesp, inescuecível Fundação do Desenvolvimento de São Paulo, mas cai feito um zumbi exaurido depois duma saraivada de balas. Celina desmaia, com a competente mocinha-mártir que é. Bob tenta recobrar o fôlego. Resolvida a parada.

Duas horas depois, com a grana mocosada em outro lugar e os cadáveres acomodados no fusca, que por sua vez é lançado do alto de um precipício numa curva qualquer da estradinha da roça, os pombinhos sobrevivem à larga na cama, celebrando com vinho e sexo garantido a grande sacada do falso suicídio que salvou a pele dos dois.

Falta só pegar esse argumento e escrever um conto, roteiro, o que for. ■

REINALDO MORAES nasceu em São

Paulo, em 1950. Estreou com *Tanto faz*, em 1981. Quatro anos depois lançou *Abacaxi*. Passou 17 anos sem publicar ficção, até lançar o romance juvenil *A órbita dos caracóis* (2003), os contos de *Umidade* (2005), a história infantil *Barata!* (2007) e o romance *Pornopopéia* (2009), este último considerado um dos principais livros brasileiros dos anos 2000. Em 2018 Moraes lançou *Maior que o mundo*, primeiro volume de uma trilogia de romances.

TRADUÇÃO | MITSUO FLORENTINO

CARMINA PRIAPEA, 8

Cur obscena mihi pars sit sine veste, requiris?
quaere, tegat nullus cur sua tela deus.
fulmen habet mundi dominus, tenet illud aperte;
nec datur aequoreo fuscina tecta deo.
nec Mavors illum, per quem valet, occulit ense,
nec latet in tepido Palladis hasta sinu.
num pudet auratas Phoebum portare sagittas?
clamne solet pharetram ferre Diana suam?
num tegit Alcides nodosae robora clavae?
sub tunica virgam num deus ales habet?
quis Bacchum gracili vestem praetendere thyrsos,
quis te celata cum face vidit, Amor?
nec mihi sit crimen, quod mentula semper aperta est:
hoc mihi si telum desit, inermis ero.

PRIAPEIA LATINA I, 8: RESPOSTA DE PRIAPO A AMOR

“Por que não cubro a minha genitália?” indagas.
Pergunte, então, qual deus oculta as suas armas.

Zeus divino detém o raio abertamente
E de Netuno não se afasta o seu tridente;

nem Marte esconde a espada que lhe dá coragem
ou Atena encova a lança em tépida roupagem;

acaso Febo vexa ao ter a loura flecha?
Ou é tímida Diana quando a aljava leva?

Oculta Herácles o vigor da grossa clava?
Ou porta o deus alado o cetro sob a capa?

Alguém viu Baco recobrir o grácil tirso?
Ou com teu rosto oculto, Amor, já foste visto?

Não seja crime ter meu pau sempre evidente:
pois se não tenho a minha lança, sou impotente.

1 Antologia de poemas anônimos, frequentemente obscenos e humorísticos, dedicados ao deus Priapo, curiosa divindade greco-romana cujo gigantesco falo sempre estava ereto e evidente. Esse deus — que fora proibido pelos demais numes de frequentar o Olimpo — era relacionado ao sexo e à fertilidade e gozava de grande popularidade nas zonas rurais.

MARÍA AUXILIADORA ÁLVAREZ**9**

mamá es un animal negro
 manso
 extenso
 huele
 a aguas estancadas
 cría
 batracios dulces
 en las encías
 no come
 no duerme
 no ríe
 es un espacio oscuro
 que recorro con la lengua
 y me sabe a semen
 a sangre
 a agua de renacuajo

mamá es un animal quieto
 amarrado
 hinchado
 habitual
 morto

9

mamãe é um bicho preto
 manso
 grande
 fede
 a água parada
 cria
 doces sapos
 nas gengivas
 não come
 não dorme
 não ri
 é um espaço negro
 que com a língua percorro
 e sinto sêmen
 sangue
 água com girinos

mamãe é um bicho quieto
 tacanho
 inchado
 comum
 morto



TRADUÇÃO | MITSUO FLORENTINO

ALFONSINA STORNI

TERNURA

Pesa sobre la ciudad
un cielo demasiado tierno.
Cielo blando, húmedo, triste.
¿Lo lastima acaso
la dureza
de la línea del horizonte?
Y las lanzas negras
de las cúpulas
¿le abren en la transparente
pulpa azul celeste
llagas de ofensa?
Llueve el cielo
su pradera de nomeolvides
sobre la piedra gris y angulosa
de la ciudad extendida;
tapa el hervidero humano,
lo abraza en su ancho
círculo de piedad,
lo acuna
tristemente
en su belleza.

TERNURA

Pesa acima da cidade
 Um céu extremamente terno.
 Céu brando, úmido, triste.
 Acaso o fere
 a dureza
 da linha do horizonte?
 Ou as lanças negras
 das cúpulas
 rasgam-lhe na transparente
 polpa azul celeste
 chagas de ofensa?
 Chove o céu
 o seu campo de não-me-esqueças
 sobre a pedra inclinada e cinzenta
 da dilatada cidade;
 fecha o ferredouro humano,
 o abraça em seu largo
 círculo de piedade,
 o acalanta
 tristemente
 na sua beleza.

MARÍA AUXILIADORA ÁLVAREZ

é uma professora e poeta venezuelana
 radicada nos Estados Unidos desde 1996.
 Autora dos livros *Piedra en :U* (2016) e
Cuerpo y paréntesis del estupor (2011).

ALFONSINA STORNI (1892-1938)

nasceu na Suíça e viveu na Argentina desde
 os quatro anos de idade. Poeta, ensaísta e
 dramaturga, é autora dos livros *Mundo de
 siete pozos* (1934), *Ocre* (1925), entre outros.

MITSUO FLORENTINO estuda Letras
 na Universidade Federal do Paraná (UFPR).
 Traduziu poemas de Roberto Bolaño para o
 fanzine *Obsoletos*.

HQ | JOSÉ AGUIAR



MEU PAI
NUNCA
ENTENDEU O
QUE FAÇO.

NA VERDADE
ISSO NUNCA
ME INCOMODOU
MUITO.



CLARO QUE
ME DEIXAVA
TRISTE LÁ
NO FUNDO,
MAS
NUNCA FOI
IMPEDIMENTO
PARA NADA.

PARA
NENHUM DE
NÓS DOIS.

CADA LIM
NO SEU
MUNDO.

CADA LIM
FAZENDO O QUE
ACHAVA CERTO.

EU SEGUI
MINHA VIDA DO
MEU JEITO.

ELE DO DELE.

CADA LIM NO
SEU MUNDO.

CADA LIM
FAZENDO O
QUE ACHAVA
CERTO.

ELE SEMPRE FOI
HOMEM PRÁTICO. DO
COMÉRCIO. "COMPRA,
VENDE E TROCA"
TALVEZ FOSSEM AS
PALAVRAS QUE
MELHOR O DEFINIAM.

ENQUANTO ISSO
EU FUI SER
PROFESSOR. E
ARTISTA. AUTOR
DE QUADRINHOS...
COMO ESTE AQUI.

QUE NÃO
SABIA COMO
COMEÇAR.

TALVEZ PORQUE
NÃO FOSSE A HORA. OU
SIMPLEMENTE PORQUE
SEMPRE INVENTAVA
COISAS PARA OCUPAR
MEU TEMPO, MINHA
CABEÇA E QUE
PUDESSEM PAGAR
AS CONTAS.

MAS
PROVAVELMENTE
PORQUE FALAR DO
MEU PAI É ALGO
COMPLICADO.



ENTÃO É
MELHOR NÃO
COMEÇAR
POR ELE...

EM 2017 EU INGRESSEI NO MESTRADO. ANO PUXADO. FILHA DOENTE. PAI DOENTE. INTERNAÇÕES, POSTOS DE SAÚDE, FARMÁCIAS, CRISES FAMILIARES...

SEM TEMPO OU NEURÔNIOS LIVRES PARA CRIAR... TUDO DE PONTA CABEÇA. O ESTUDO ERA UMA BOA FUGA. MEU TEMA DE DISSERTAÇÃO ERA "O ESTRANHO MUNDO DE ZÉ DO CAIXÃO". O QUADRINHO, O FILME E A SÉRIE DE TV QUE FORAM MARCOS NA HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS DE TERROR NACIONAIS.

O INFAME NISSO É QUE, ATÉ HÁ POUCO, EU NÃO TINHA PERCEBIDO QUE, SE MEU PAI ERA UM "ZÉ" EU TAMBÉM ERA. E O "ZÉ" DO CAIXÃO É PERSONAGEM DE OUTRO "ZÉ", O CINEASTA JOSÉ MOJICA MARINS.

LIMA ESTRANHA SIMETRIA DE "ZÉ" PARA TODOS OS LADOS.

MEIO COMO DIZIAM OS VERSOS DO VELHO FORRÓ "COMO TEM ZÉ LÁ NA PARAÍBA", QUE BRINCA QUE "TODO MUNDO SÓ TEM UMA RECEITA QUANDO QUER TER UM FILHO", FAZENDO DE "JOSÉ" E SEU DIMINUTIVO APELIDO "ZÉ" ONIPRESENTES NESTES CANTOS DO MUNDO:

*"Vige
como tem Zé
Zé de baixo, Zé de riba
Jesconjura com
tanto Zé..."*

*"... Eu repito e se
zangue quem quiser
Santa Zé desse jeito é
um abuso..."*

*"Outros cem no
comércio tem de Zé
Santa Zé desse jeito
é um estraga
Eu só sei que tem
Zé de dar com
o pé..."*

*"Mas a
diaba é que eu
me chama
Zé..."*

ESSA MÚSICA,
DO JACKSON
DO PANDEIRO,
OUTRO "ZÉ"
DISFARGADO POR
PSEUDÔNIMO...

*"Lá na feira é só Zé
que faz fevura
Tem mais Zé do que
coco catolé
Só de Zé tem uns cem
na Prefeitura..."*

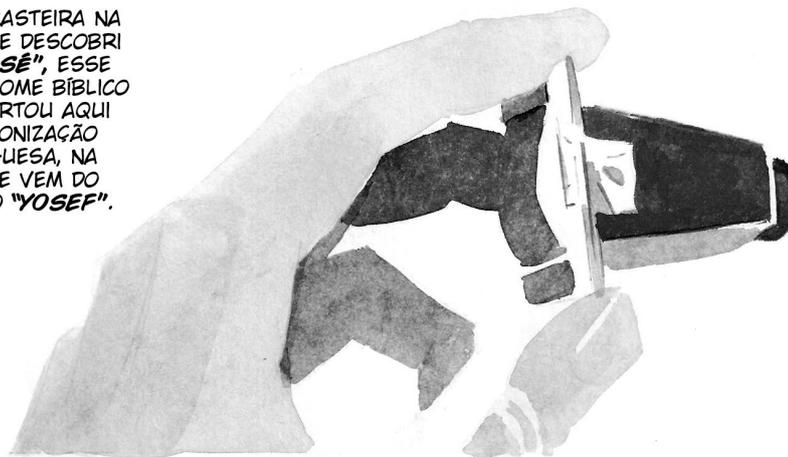
... É UM
PEQUENO
TESOURO SOBRE
A BANALIDADE
DA POPULARIDADE
DO MELI, DIGO,
DO NOSSO
NOME.



HQ | JOSÉ AGUIAR

NÃO QUE ISSO SEJA UM PROBLEMA. É, COMO SOU PARTE DESSA "HORDA" INFORMAL, TALVEZ ENTENDER O QUE É SER UM "ZÉ" SEJA ALGO ÚTIL.

FIZ UMA RASTEIRA NA INTERNET E DESCOBRI QUE "JOSÉ", ESSE QUERIDO NOME BÍBLICO QUE APORTOU AQUI VIA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA, NA VERDADE VEM DO HEBRAICO "YOSEF".



QUE PODE SIGNIFICAR COISAS POMPOSAS COMO "ACRÉSCIMO DO SENHOR" OU "DEUS MULTIPLICA".

ENTÃO TOMARA QUE ESTE JAMOS FAZENDO JUS AO NOME...

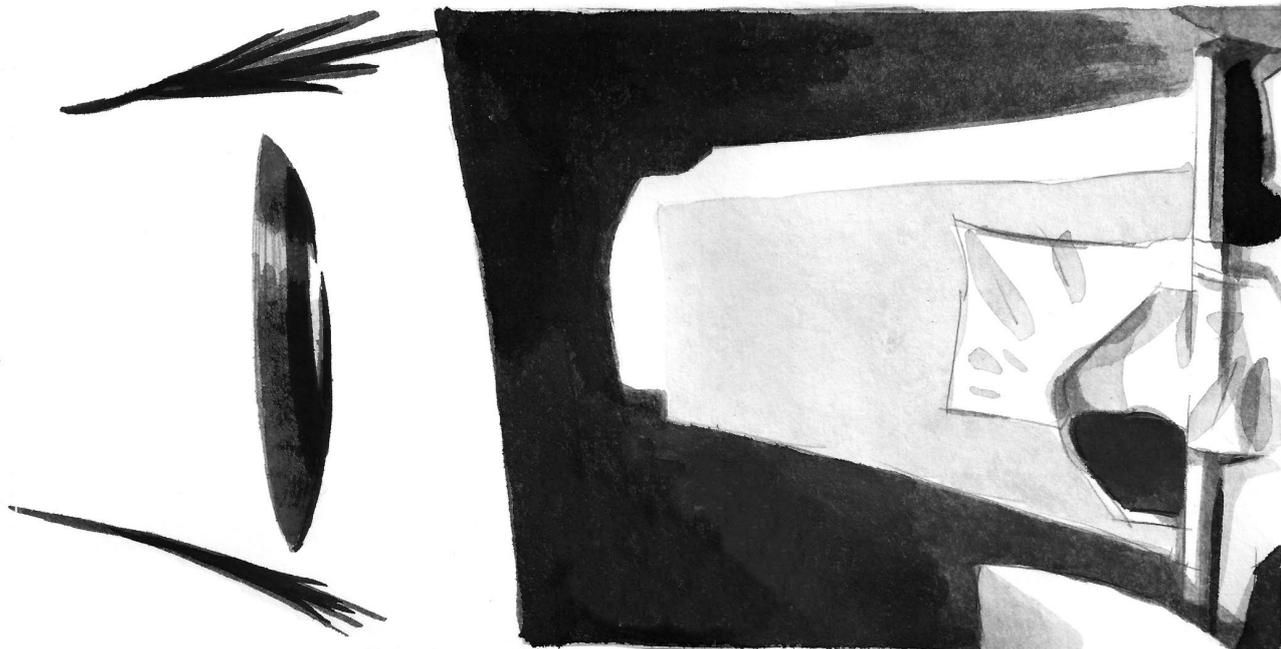
QUASE DESISTINDO TOPEI COM UM BLOG ONDE UMA POSTAGEM MOSTRAVA UMA FOTO COM VÁRIAS EDIÇÕES DA SÉRIE QUE EU TANTO PRECISAVA LER.

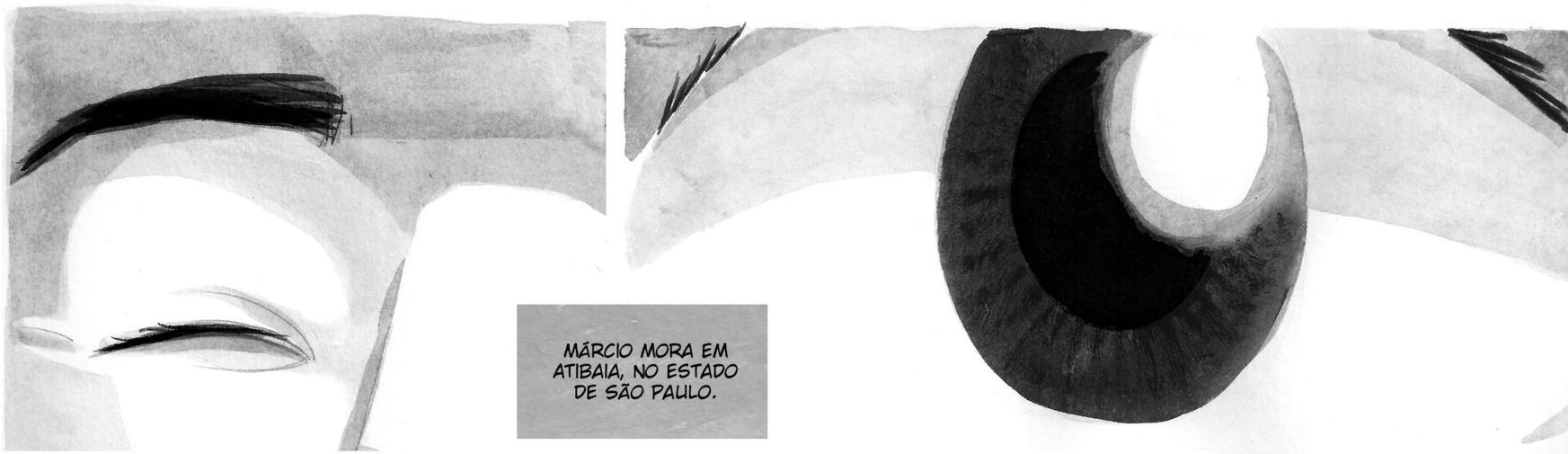
MANDEI UM E-MAIL.

UM TAL MÁRCIO ME RESPONDEU TODO SIMPÁTICO E SOLÍCITO.

SE COMPROMETEU A FOTOGRAFAR AQUELAS REVISTAS.

AO LONGO DOS MESES SEGUINTE, FUI RECEBENDO BELAS IMAGENS DE TERROR VINDAS DO DISTANTE ANO DE 1969...





MÁRCIO MORA EM
ATIBAIA, NO ESTADO
DE SÃO PAULO.



LUGAR
QUE EU
NUNCA
CONHECI.



ELE ME
CONVIDOU PARA
UM PROJETO DE
RESIDÊNCIA
ARTÍSTICA QUE
QUERIA REALIZAR
NO CENTRO
CULTURAL ONDE
TRABALHA.

NA CIDADE
ONDE MEU
PAI NASCEU.

ONDE ESTAVA
PERDIDA NO
TEMPO A
MINHA RAIZ
MAIS DISTANTE
CONHECIDA...

HQ | JOSÉ AGUIAR

CONVERSA VAI, CONVERSA
VEM, ISSO VIROU PARTE DA
JUSTIFICATIVA DO PROJETO.

E FIZ AS
MALAS PARA
ESSA TAL DE
ATIBAIA.

COMO DISSE
ANTES, MEU PAI
NÃO ENTENDIA O
QUE EU FAÇO.

E, DEPOIS DA
MORTE DELE,
VIAJO PARA A
SUA CIDADE NATAL
PARA FALAR DAS
COISAS QUE FAÇO.

E ASSIM DAR O
PRIMEIRO PASSO
PARA FAZER A ÚNICA
COISA ÍNTIMA QUE
MEU PAI QUIS FAZER
COMIGO EM MUITO
TEMPO:

UM
LIVRO.

UM LIVRO DO
"ZÉ" SOBRE O
"SEU ZÉ".





PORQUE, EM
ALGUM LUGAR
PERTO DO FIM, NÓS
NOS ENCONTRAMOS
UM POUCO MAIS.

E ELE ME
SURPREENDEU
COM ESSA IDEIA
INESPERADA DE
FAZER UM LIVRO
COMIGO.



NO FIM
NÃO DELI
TEMPO.



MAS O
TEMPO DELI
SEU JEITO E
FUI CHAMADO
PARA FAZER
ESTA HQ.



TALVEZ A
INTRODUÇÃO DO
LIVRO QUE NÃO
VAI SER AQUELE
QUE MEU PAI
IMAGINAVA

MAS QUE
ESPERO,
DE ALGUMA
MANEIRA,
AGRADE A
NÓS DOIS.

JOSÉ AGUIAR é autor das HQs *A infância do Brasil* (www.a infancia do brasil.com.br) e *Coisas de adornar paredes*, ambas finalistas do prêmio Jabuti. Atualmente publica as webcomics da personagem Malu em www.maluca.com.br.

José Aguiar

POEMA | SYLVIO BACK

O PORÃO

o que dizer de um porão
com três paredes se havia
uma claraboia baça e um
bordado de arame em arco
nada que anunciasse o fim
os ovos são cortados à faca
enquanto fundos de garrafa
açulam lábios e línguas e a
fumaça corrói os agasalhos
finos de uma estiagem tal
que sobe do lago vizinho
onde peixes boiam balofos
a retina atolada como se
visse a quarta parede ela
ficou no além-mar onde
estrelas tombam maceradas
pelo olvido asseio reluzente
os dedos da irmã recontam
o eco de saltos pés passos
na esperança que o sono
devolva o verão vez por
outra sempre uma saudade
pra frente com bolo café
geleia de amora da casa
de bonecas tão alta quanto
a roda gigante do calendário
um navio que possa singrar
as ruas de Curitiba sem
despejar lodo no abajur
chinês na pia o vaso fedido
cujo sifão seca todas ilusões
de a cama junto à porta
um dia correr para o centro
crente que jamais as pernas

caíssem ao léu da insônia
na preguiça matinal açoite
de pneus pó ratos calotas
em zigue-zague mancos
biombos simulando sutis
aconchegos cheios de mãe
o avental encardido fogo
à marmita quem dirá que
o frio é tato a broa dormida
rançosa a manteiga (salve
-se o queijo bichado) alemão
é assim mesmo pois a vida
não virá nem agora nem
depois talvez não venha
jamais só como atalho da
última maldita parede basta
o breu do teto os recantos
descolados da trincheira
trovão de sol lascas da noite
que precisam do amanhecer
são ares patinando pra sair
do céu a penumbra do cão
arranha olhos medonhos
e deixa a todos atônitos
o porão recomeça o seu
périplo sem dó nem piedade

SYLVIO BACK é cineasta, poeta, roteirista e escritor. Autor de 38 filmes (12 longas-metragens) e 25 livros, entre roteiros, poesia e ensaios. Premiado no Brasil e no exterior por sua produção literária e cinematográfica, Back acaba de lançar *O himeneu*, coletânea de contos eróticos.



ILUSTRAÇÃO: MÁRIO DE ALENCAR